

**Aquisição de Estruturas com Subida de Clítico  
em Português Europeu**

**Inês Filipa Henriques Vitorino**

**Dissertação de Mestrado  
em Ciências da Linguagem**

**Maio de 2017**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Fernandes Homem de Sousa Lobo Gonçalves.

*“Minha pátria é a língua portuguesa.”*

**Fernando Pessoa**

*Aos meus avós.*

## Agradecimentos

Não posso deixar de agradecer às pessoas que tornaram esta tese possível e que tanto me ajudaram, quer com a escrita da tese e aplicação do teste quer com a motivação que me deram nos momentos em que mais precisei dela.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha orientadora, a professora Maria Lobo, que muito me ensinou e que me transmitiu esta paixão pela linguística e pela área da aquisição da linguagem, em particular. Agradeço-lhe pela disponibilidade, orientação, apoio e conselhos que me deu ao longo da realização desta dissertação. A sua ajuda e orientação foram imprescindíveis.

Ao Colégio *O Nosso Jardim* e ao Colégio *Valsassina* por sempre me terem recebido tão bem e por terem aceitado que eu aplicasse o teste experimental nas suas instalações. Agradeço em particular à Dr.<sup>a</sup> Maria José do Colégio *O Nosso Jardim* e à Dr.<sup>a</sup> Teresa do Colégio *Valsassina*, pela sua amabilidade e pela disponibilidade em ajudar neste meu projeto. Devo, ainda, um agradecimento a todos os pais das crianças que participaram neste estudo, por terem consentido a participação dos seus filhos, assim como a todos os participantes do grupo de controlo.

Agradeço aos meus pais, irmã e avós pelo apoio que me têm dado e, em especial, ao meu avô por sempre ter acreditado em mim e me ter incentivado a continuar a estudar e a seguir os meus sonhos.

Aos meus amigos, que sempre me apoiaram nos momentos mais difíceis e que sempre fizeram o máximo que puderam para me ajudar. Aos que me ajudaram na construção e aplicação do teste devo um especial agradecimento e um beijinho grande.

À Catarina, por me ter desenhado as imagens do teste experimental, à Anisa, à Rita e à Marta por me terem ajudado a construir o teste e por terem “recrutado” participantes para o grupo de controlo.

Ao Hugo, pela ajuda que me deu com a recolha dos dados de produção espontânea e pela motivação e o apoio que me dá todos os dias.

## Resumo

Esta dissertação tem como objetivo investigar a aquisição de estruturas com subida de clítico por crianças falantes nativas de PE, a fim de verificar o padrão de colocação do clítico. Para tal, aplicou-se um teste experimental de produção induzida a 64 crianças falantes monolíngues de PE e a um grupo de controlo de 21 adultos. As crianças foram divididas em dois grupos: pré-escolar (crianças entre os 5 e os 6 anos de idade) e escolar (crianças entre os 6 e os 8 anos de idade). O teste considerou diversas variáveis, nomeadamente o tipo de verbo e a presença/ausência de proclisador. Os verbos testados incluem um verbo de subida obrigatória (*ter*+particípio passado), verbos de subida opcional (*querer*, *ir* e *conseguir*) e verbos de subida desfavorável (*decidir*, *odiar* e *gostar de*). Relativamente ao proclisador, recorreu-se apenas à negação. A tarefa da criança consistia em responder à questão colocada pela investigadora sobre as imagens que lhe eram apresentadas.

Como complemento do teste de produção induzida, procedeu-se à análise de um *corpus* de produção espontânea retirado do CHILDES, o qual incluía produções de três crianças e dos adultos que com elas interagem.

Os resultados do teste de produção induzida mostram que as crianças preferem a subida em oposição à não subida em contextos de subida opcional, sendo essa preferência mais evidente no grupo pré-escolar. O grupo de controlo, por outro lado, preferiu a não subida. Todos os grupos foram sensíveis à presença do proclisador, havendo uma taxa de subida de clítico mais elevada neste contexto em relação ao contexto de ênclise.

No que diz respeito ao tipo de verbo, concluiu-se que as crianças possuem conhecimento lexical acerca dos verbos que permitem ou desfavorecem a subida, uma vez que, em todos os grupos, os verbos de subida desfavorável obtiveram uma percentagem de subida de clítico bastante mais reduzida do que os verbos de subida opcional. No entanto, este conhecimento desenvolve-se gradualmente e ainda não se encontra estabilizado no 1º ciclo. Houve, ainda, diferenças nas taxas de subida para cada verbo, registando o verbo *gostar de* a percentagem mais baixa de subida. Este resultado confirma que há conhecimento acerca da preposição *de* como inibidora de subida.

Os dados de produção espontânea mostram uma tendência diferente no grupo dos

adultos, com uma clara preferência pela subida de clítico com verbos de subida opcional, contrariamente ao que se verifica em produção induzida.

Quanto às produções das crianças, verifica-se que as primeiras ocorrências de subida de clítico se registam no período dos dois anos e que as crianças não passam por um período em que usam apenas a não subida. Este resultado é semelhante aos resultados do estudo de Rodríguez-Mondoñedo, Snyder & Sugisaki (2006) para o espanhol. Desta forma, conclui-se que a subida de clítico será uma propriedade fixada cedo, estando disponível desde tenra idade.

**Palavras-Chave:** aquisição, subida de clítico, padrão de colocação de clítico, conhecimento lexical, fixação precoce

## Abstract

This study focuses on the acquisition of clitic climbing by European Portuguese children and analyses clitic placement in this context. In order to investigate the acquisition of this phenomenon, we applied an elicited production task to 64 monolingual children and to a control group of 21 adults. The children were divided into two groups: a preschool group (children aged 5 and 6) and a school group (children aged 6, 7 and 8). The elicited production task analyzed several variables, namely the type of verb and presence or absence of a proclisis trigger. The verbs included a verb of obligatory climbing (*ter*+past participle), verbs of optional climbing (*querer*, *ir* and *conseguir*) and verbs that discourage climbing (*decidir*, *odiar* and *gostar de*). Regarding the proclisis trigger, we only used negation. The children's task was to answer the questions asked by the investigator about the pictures they were shown.

As a complement to the elicited production task, a *corpus* of spontaneous speech was analyzed. This *corpus* can be found in CHILDES and includes productions of three children and the adults that interact with them.

The results of the elicited production task show that children prefer climbing in opposition to the non-climbing counterpart in optional contexts. This preference is more evident in the preschool group. The control group, on the other hand, preferred the non-climbing option. All the groups reacted to the presence of the proclisis trigger, given that in this context the rate of clitic climbing was higher than the one corresponding to the enclisis context.

In what concerns the type of verb, we concluded that children have lexical knowledge about the verbs that allow or discourage clitic climbing, since the verbs that discourage clitic climbing had a lower percentage than the verbs of optional climbing in all the groups. However, this knowledge develops gradually and is not yet stable in primary school. There were also differences in the rates of clitic climbing for each verb, the verb *gostar de* being the one with the lowest percentage. This result confirms that there is knowledge about the preposition *de* as a climbing inhibitor.

The data from the adults' spontaneous speech illustrate a quite different tendency from the results obtained in the elicited production task in the control group, given that there was a clear preference for climbing in optional contexts.



In relation to children's spontaneous speech, we can observe that the first registers of clitic climbing occur around 2 years of age and that children do not go through a stage in which they only use the non-climbing option. This result is similar to the one found by Rodríguez-Mondoñedo, Snyder & Sugisaki (2006) in their study about the acquisition of clitic climbing in Spanish. Thus, we conclude that clitic climbing is a property set early and that it is available from a young age.

**Keywords:** acquisition, clitic climbing, clitic placement, lexical knowledge, early setting

## Índice

<b>Resumo .....</b>	<b>v</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>vii</b>
<b>Lista de Tabelas .....</b>	<b>xi</b>
<b>Lista de Gráficos .....</b>	<b>xii</b>
<b>1. Introdução.....</b>	<b>1</b>
1.1. Apresentação do estudo .....	1
1.2. Organização do trabalho .....	2
<b>2. Enquadramento Teórico.....</b>	<b>3</b>
2.1. Clíticos .....	3
2.1.1. Sobre os Clíticos.....	3
2.1.2. Posição dos clíticos na estrutura.....	4
2.1.3. Dados de aquisição de clíticos.....	5
<b>2.2. Restruturação – Estado da Arte .....</b>	<b>8</b>
2.2.1. Introdução .....	8
2.2.2. Diferentes abordagens .....	9
2.2.3. Correlação entre a subida de clítico e o parâmetro do sujeito nulo .....	19
2.2.4. Estruturas de predicado complexo com infinitivo preposicionado .....	21
<b>2.3. Estudos de aquisição de estruturas com subida de clítico.....</b>	<b>23</b>
2.3.1. Conhecimento implicado no fenómeno .....	23
2.3.2. Estudo da aquisição de subida de clítico em L1 .....	24
2.3.3. Estudo da aquisição de subida de clítico em L2 e por bilingues .....	26
<b>3. Estudo Experimental de produção induzida .....</b>	<b>30</b>
3.1. Hipóteses de investigação .....	30
3.2. Metodologia .....	31
3.2.1. Participantes .....	31

3.2.2.	Teste de produção induzida com estruturas de subida de clítico.....	32
3.3.	Resultados .....	35
3.3.1.	Resultados globais por grupo .....	38
3.3.2.	Resultados considerando a variável presença/ausência de proclisador ....	42
3.3.3.	Resultados por tipo de verbo .....	44
3.4.	Discussão .....	49
<b>4.</b>	<b>Dados de produção espontânea .....</b>	<b>52</b>
4.1.	Metodologia .....	52
4.2.	Análise dos dados de produção espontânea dos adultos .....	53
4.3.	Análise dos dados de produção espontânea infantil .....	57
<b>5.</b>	<b>Conclusões.....</b>	<b>64</b>
	<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>66</b>
	<b>Anexos.....</b>	<b>73</b>
	Matriz do Teste .....	74
	Folha de Registro .....	78
	Resultados individuais de subida e não subida para os diferentes grupos .....	82
	Exemplos de ocorrências com subida e não subida de clítico na produção espontânea dos adultos pelos diversos verbos .....	89
	Percentagens e valores de subida e não subida de clítico do teste experimental de produção induzida.....	90

## Lista de Tabelas

<b>Tabela 1</b> - Caracterização dos participantes por grupo.....	32
<b>Tabela 2</b> - Caracterização dos participantes por faixa etária .....	32
<b>Tabela 3</b> – Percentagem de subida de clítico para cada verbo em contexto de ênclise e próclise pelos grupos pré-escolar, escolar e de controlo .....	48
<b>Tabela 4</b> – Distribuição de ocorrências e percentagem de subida e não subida de clítico na produção espontânea dos adultos pelos diversos verbos .....	54
<b>Tabela 5</b> – Distribuição de ocorrências de subida e não subida de clítico pelos diversos clíticos.....	56
<b>Tabela 6</b> – Número de ocorrências de subida e não subida de clítico para cada criança dividido por sessões.....	58
<b>Tabela 7</b> - Distribuição das ocorrências de subida e não subida de clítico pelos diversos verbos .....	61
<b>Tabela 8</b> - Distribuição das ocorrências de subida e não subida de clítico pelos diversos clíticos.....	62

## Lista de Gráficos

<b>Gráfico 1</b> – Percentagem de outras respostas para os grupos pré-escolar, escolar e de controlo – dividido por tipologia de respostas .....	37
<b>Gráfico 2</b> - Resultados globais de subida de clítico, não subida e outras respostas .....	38
<b>Gráfico 3</b> – Percentagem de subida e não subida de clítico pelos grupos pré-escolar e escolar e grupo de controlo.....	40
<b>Gráfico 4</b> – Percentagem de subida e não subida de clítico pelas diferentes faixas etárias .....	41
<b>Gráfico 5</b> – Percentagem de subida e não subida em contexto de ênclise e próclise nos grupos pré-escolar, escolar e de controlo .....	42
<b>Gráfico 6</b> – Percentagem de subida de clítico para cada tipo de verbo pelos grupos pré-escolar, escolar e de controlo.....	44
<b>Gráfico 7</b> – Percentagem de subida de clítico para cada verbo pelos grupos pré-escolar, escolar e de controlo .....	46
<b>Gráfico 8</b> – Percentagem de subida e não subida na produção espontânea dos adultos	53
<b>Gráfico 9</b> – Percentagem de subida e não subida de clítico em produção espontânea infantil.....	59
<b>Gráfico 10 e 11</b> – Percentagem de subida e de não subida de clítico em produção espontânea infantil distribuída pelos contextos de ênclise e próclise.....	63

# 1. Introdução

## 1.1. Apresentação do estudo

Neste trabalho proponho-me investigar a aquisição de estruturas com subida de clítico, a fim de compreender a forma como as crianças falantes nativas de português europeu adquirem este tipo de construção. Mais especificamente, pretende-se averiguar se as crianças produzem ou não estruturas com subida de clítico, uma vez que esta é uma propriedade sujeita a parametrização, se têm conhecimento sintático associado a conhecimento lexical, sendo capazes de distinguir verbos que possibilitam a subida de clítico de verbos que a desfavorecem, e se são sensíveis quanto à presença do proclisador, neste caso a negação, como facilitador da subida de clítico. Para o efeito, foram testadas diversas variáveis que estão relacionadas com o tipo de verbo em causa e presença ou ausência de atratores de próclise. Testou-se, pois, estruturas com verbos que obrigam à subida de clítico (verbo auxiliar *ter*), com verbos que possibilitam a subida, mas não obrigam à mesma (alguns verbos de controlo e verbos de elevação) e, ainda, com verbos que não permitem ou desfavorecem a subida. Relativamente aos atratores de próclise, recorreu-se apenas à negação.

O objetivo é o de verificar o padrão de colocação do clítico. Apesar da literatura existente acerca do fenómeno, não há estudos relativos à aquisição da estrutura em causa para o português europeu, razão pela qual esta investigação se revela necessária.

Desenvolvo, neste trabalho, algumas hipóteses que procuro verificar com a aplicação de um teste experimental, no intuito de chegar a algumas conclusões relativamente ao processo de aquisição. Como complemento do estudo experimental, analiso, ainda, alguns dados de produção espontânea em contextos de subida de clítico, que me permitem comparar os dados de produção espontânea com os do teste experimental e verificar o que se passa em idades mais precoces.

A literatura é bastante extensa no que diz respeito ao estudo dos clíticos, tendo havido bastantes desenvolvimentos nesta área nos últimos anos, tanto para o português como para outras línguas. Não havendo ainda estudos sobre a aquisição de estruturas de subida de clítico no português L1, é relevante perceber como são adquiridas estas estruturas e se, tal como acontece no espanhol, são estruturas de aquisição precoce

(Eisenchlas 2003) ou se, pelo contrário, são de aquisição mais tardia. Tendo o PE um padrão de colocação de clíticos mais variável do que o espanhol e sendo a colocação de clíticos em frases simples um processo que estabiliza mais tardiamente do que noutras línguas (Costa, Fiéis & Lobo 2015), poderá eventualmente haver diferenças nos ritmos de aquisição.

Para além disso, do ponto de vista teórico, tal como já mencionei, importa investigar a aquisição de algumas propriedades parametrizáveis e averiguar se o conhecimento da subida de clítico é determinado apenas sintaticamente ou se é sensível às propriedades lexicais dos verbos e de que forma isso pode condicionar o ritmo de aquisição. Uma vez que esta é uma propriedade sujeita a variação, não só entre línguas como dentro de uma mesma língua, revela-se fundamental investigar a aquisição desta estrutura. O uso da negação como proclisador no teste tem como objetivo investigar se a presença da mesma facilita a subida de clítico. Finalmente, caso se assuma a Hipótese de Complexidade Derivacional de Jakubowicz (2011)<sup>1</sup> e se se considerar que a reestruturação pode ser um contexto mais defetivo do que a não reestruturação, interessa investigar se as crianças mostram preferência pela subida em oposição à não subida.

## **1.2. Organização do trabalho**

O trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, faz-se a introdução ao estudo aqui desenvolvido. No segundo, faz-se o enquadramento teórico, em que se apresenta a literatura acerca dos clíticos e suas propriedades, reestruturação e fenómenos relacionados, e aquisição de estruturas com subida de clítico. O terceiro capítulo relaciona-se com o estudo experimental, resultados e discussão do mesmo, enquanto o quarto capítulo dá conta dos dados de produção espontânea, sua análise e discussão. No último capítulo, apresentam-se as conclusões do estudo.

---

<sup>1</sup> Esta Hipótese foi proposta pela primeira vez em Jakubowicz (2004, 2005).

## 2. Enquadramento Teórico

### 2.1. Clíticos

#### 2.1.1. Sobre os Clíticos

Tal como é registado por Matos (2003:826-827) “os pronomes clíticos correspondem às formas átonas do pronome pessoal que ocorrem associadas à posição dos complementos dos verbos.” Os pronomes clíticos ocorrem sempre adjacentes ao verbo, o seu hospedeiro.

No entanto, é possível que o clítico não venha adjacente ao verbo que o selecciona. Isto verifica-se “em estruturas completivas infinitivas nas quais a oração infinitiva é seleccionada por certos verbos (entre os quais se incluem maioritariamente verbos auxiliares e semi-auxiliares), [e em que] um pronome átono objecto do verbo infinitivo pode cliticizar, opcionalmente, ao verbo finito.” (Martins, 2013:2279). Atente-se, pois, nos exemplos que se seguem:

- 1) Queres dar-me o livro ou não?
- 2) Queres-me dar o livro ou não?

É possível verificar que no exemplo (1) o clítico tem como hospedeiro o verbo que o selecciona, enquanto em (2) se dá o fenómeno de subida do clítico, estando o clítico adjacente não ao verbo de que é complemento, mas ao verbo finito que selecciona a oração completiva infinitiva. Neste caso, a subida é opcional. Em perífrases verbais com gerúndio e com particípio passado, tal como notado por Martins (2013:2233), a subida é obrigatória (veja-se o contraste de gramaticalidade entre (3) e (4)):

- 3) Tinha-lhes dado alpista durante um mês quando se atreveram a aproximar-se.
- 4) \*Tinha dado-lhes alpista durante um mês quando se atreveram a aproximar-se.

Este fenómeno, conhecido como subida de clítico, representa uma das propriedades que caracterizam as construções de reestruturação em línguas como o italiano, espanhol e português europeu (PE) e será o foco do trabalho aqui desenvolvido.

A literatura acerca dos clíticos é bastante extensa e fornece análises diversas acerca das suas propriedades. Raposo (2000: 266-267) faz uma breve descrição acerca de



algumas das análises existentes. Existem algumas explicações teóricas para o fenómeno de colocação de clíticos no português de base fonológica, de base sintática e as que combinam as duas. Quanto à posição em que são gerados, há duas análises: numa, o clítico move-se de uma posição argumental para uma posição mais alta em que se encontra adjunto ao verbo (cf. Kayne 1975); noutra, é gerado na base numa posição funcional e encontra-se coindexado com uma posição argumental (cf. Sportiche 1992). Os clíticos podem ser vistos como núcleos de um DP com estrutura interna ou como o terminal de uma projeção D mínima/máxima (veja-se Chomsky 1995a).

### **2.1.2. Posição dos clíticos na estrutura**

Várias são as propostas apresentadas por vários autores para dar conta da posição dos clíticos na derivação. Estas propostas dividem-se, essencialmente, em duas abordagens. A primeira consiste em analisar o clítico como sendo gerado na base na sua posição superficial e estando coindexado com a posição ocupada pelo argumento não clítico. Esta abordagem é defendida por Sportiche (1992), entre outros autores.

A outra abordagem assenta na ideia de movimento do clítico. Segundo esta, o clítico é gerado em posição argumental, como o seu sintagma correspondente, de forma a satisfazer a estrutura argumental do verbo e só depois é movido para uma posição de adjunção ao verbo. Kayne (1975) é um dos autores que seguem esta abordagem.<sup>2</sup>

No caso do PE, Duarte & Matos (2000) consideram os clíticos núcleos de DPs, sendo estes gerados como argumentos e depois movidos para V ou para outra projeção funcional a fim de verificarem traços formais.

Veja-se, também, a proposta de Costa & Martins (2003, 2004) *apud* Magro (2008) para o PE. De acordo com esta proposta, a computação sintática gera invariavelmente próclise, enquanto a ênclise resulta de uma operação pós-sintática, “que se aplica para satisfazer um requisito de visibilidade da categoria funcional  $\Sigma$ ”. (Magro, 2008: 45). De acordo com esta proposta, os clíticos podem ser simultaneamente  $X^0$  e  $X_{max}$ , sendo projetados numa posição argumental e depois movidos para a posição funcional mais alta

---

<sup>2</sup> Veja-se Magro (2008) para um estudo mais aprofundado acerca da posição dos clíticos na derivação.

atingida por movimento do verbo, que em PE é T. A posição funcional  $\Sigma$  pertence ao domínio de IP, estando em posição intermediária entre I e C e codificando aspetos como a negação, a afirmação e a modalidade. Quanto ao especificador de T, o mesmo não se projeta, ocupando os sujeitos uma posição mais alta na frase (proposta defendida por Costa 2003).

Raposo (2000), por seu lado, argumenta a favor da existência de uma categoria F, que se situa acima de I e abaixo de C. De acordo com Raposo (2000), a categoria F é enclítica e comporta-se como um clítico, na medida em que precisa de ser licenciada por um elemento na sua posição de especificador. Por esta razão, o verbo tem de subir para Especificador de F para dar a F um hospedeiro fonológico. Assim, a ênclise é vista, pelo autor, como um efeito secundário do movimento de I, que contém o verbo, para especificador de F.

### **2.1.3. Dados de aquisição de clíticos**

No que diz respeito ao processo de aquisição de pronomes clíticos, estudos anteriores mostram que ocorre omissão em fases iniciais em várias línguas.<sup>3</sup> Schaeffer (2000) e Tsakali & Wexler (2003) são alguns dos autores que salientam a omissão de clíticos nas fases iniciais de desenvolvimento num subgrupo de línguas. Para o português, Costa & Lobo (2006) mostram, também, que em PE os clíticos são omitidos até mais tarde, sendo as taxas de omissão também mais elevadas.<sup>4</sup> Os autores relacionam a elevada taxa de omissão de clíticos com a possibilidade de objeto nulo em PE, rejeitando, desta forma, a hipótese de Wexler (2003), a qual propõe que existe uma Restrição de Verificação de Traços (Unique Checking Constraint), sujeita a maturação, e segundo a qual o traço-D de DP pode estabelecer uma única relação de verificação junto de uma categoria funcional. As crianças optam, pois, por complementos nulos, o que revela que

---

<sup>3</sup> Em PE a omissão ocorre até bastante mais tarde, não estando presente apenas nas fases iniciais de desenvolvimento. Costa & Lobo (2006) referem que os resultados obtidos para o PE contradizem os estudos anteriores para outras línguas, razão pela qual propõem que a natureza da omissão em PE seja distinta. Para os autores, as taxas elevadas de omissão de clítico em PE poderão estar relacionadas com a disponibilidade da construção de objeto nulo, nas suas restrições distribucionais e nas possibilidades de colocação dos clíticos.

<sup>4</sup> O português, o catalão e o italiano têm taxas de omissão bastante elevadas, contrariamente ao que acontece com o espanhol ou o grego. No entanto, o PE tem taxas de omissão bastante superiores às das outras línguas.

fazem uso sobregeneralizado de formas fracas, mesmo em contextos em que elas não são possíveis. Isto parece comprovar a proposta colocada por Cristóvão (2006) de que os clíticos, ao contrário dos pronomes fortes, que envolvem operações de interface, não causam grandes dificuldades às crianças por terem uma natureza mais defetiva. Esta preferência pela forma fraca parece não estar limitada ao caso do PE, segundo Varlokosta *et al.* (2016). Os autores apresentam evidência de que, também em italiano, língua que dispõe de pronomes fortes, fracos e clíticos, as crianças preferiram a forma mais fraca. De acordo com estes autores, tendo em conta os dados obtidos, as crianças mostram, ainda, ter conhecimento pragmático acerca das categorias vazias assim como as limitações lexicais da sua distribuição.

Guasti (1993/94) demonstra que as crianças italianas são capazes de distinguir, desde bastante cedo, verbos infinitivos e verbos finitos e que têm conhecimento acerca do sistema de concordância verbal, o que leva a autora a concluir que a estrutura inicial das frases produzidas pelas crianças inclui, para além da projeção lexical, categorias funcionais, nomeadamente o IP.

Eisenchlas (2003) investigou o conhecimento que as crianças argentinas têm acerca das propriedades dos clíticos. O estudo pretendeu averiguar se as crianças fazem erros que sugiram uma descontinuidade entre a gramática infantil e a gramática do adulto. Neste estudo, a autora reporta que 16% dos erros dados pelas crianças correspondem a omissão de clítico, tendo 65% da omissão ocorrido nos dois grupos mais novos (dos 3 aos 4 anos de idade). Contudo, as mesmas crianças que registaram a taxa de omissão de clítico mais elevada produziram mais vezes o clítico do que o omitiram. De acordo com a autora, as crianças omitiram tanto clíticos com função de complemento direto como clíticos com função de complemento indireto, pelo que a diferença entre a omissão de uns e outros não foi grande.

Wexler, Gavarrò & Torrens (2004) concluem, no seu estudo acerca da omissão de clíticos objeto, que as crianças não mostram dificuldade em identificar os traços morfossintáticos das categorias funcionais. Os autores notam que, tanto em Catalão como em Italiano, a omissão parece apenas deixar de existir a partir dos 4 anos de idade. No entanto, enquanto para o espanhol as crianças produzem clíticos obrigatórios desde os 2 anos de idade, para o catalão o mesmo não se verifica e as crianças recorrem à omissão.

Silva (2008), no estudo que conduz sobre aquisição de clíticos em PE, conclui que as taxas de omissão não são uniformes para todos os clíticos analisados, o que contraria a hipótese da Unique Checking Constraint, que prevê que não haja diferenças entre os clíticos. Contrariamente ao que acontece noutras línguas, em PE encontra-se omissão de clíticos até mais tarde, sendo que a evolução na produção dos mesmos não se dá entre os 2 e 3 anos mas até mais tarde. Os clíticos reflexivos e os não argumentais mostraram-se menos problemáticos, com uma taxa de omissão inferior em relação aos outros clíticos analisados. Quanto ao facto de alguns autores relacionarem a omissão de clíticos em fases iniciais com a concordância de participio passado com objeto, que seria determinada pela Unique Checking Constraint (cf. Wexler, Gavarró & Torrens, 2004 e Tsakali & Wexler, 2003), Silva (2008) descarta tal hipótese, uma vez que o PE não é língua de concordância de participio passado com objeto, razão pela qual não existe evidência que suporte tal correlação.

A autora destaca o facto de a aquisição da obrigatoriedade da produção de clíticos ocorrer mais tarde em contexto de ilhas e de, relativamente à variação entre ênclise e próclise, haver erros de colocação de clíticos em todos os grupos etários infantis, uma vez que a aquisição de clíticos é mais complexa devido a essa mesma variação. Há generalização de ênclise mesmo em contextos com proclisador.

Vários autores têm proposto um princípio de economia na aquisição da linguagem (veja-se a este propósito Chomsky 1995b, Zuckerman 2001, Hamann 2006 e Jakubowicz 2011). De acordo com este princípio, caso uma criança se encontre perante várias opções, ela escolherá a que for mais económica, ou seja, aquela que envolve menos operações sintáticas. A este propósito, Jakubowicz (2011)<sup>5</sup> formula a Hipótese da Complexidade Derivacional, a qual pode ser medida através dos seguintes parâmetros:

- i) Merge  $\alpha$   $n$  vezes dá lugar a uma derivação menos complexa do que Merge  $\alpha$   $(n+1)$  vezes.
- ii) Merge interno de  $\alpha$  dá lugar a uma derivação menos complexa do que Merge interno de  $\alpha + \beta$ .

Se adotarmos esta hipótese, então, as estruturas de derivação menos complexa serão adquiridas mais cedo do que aquelas que envolvem uma derivação mais complexa,

---

<sup>5</sup> Esta Hipótese foi proposta pela primeira vez em Jakubowicz (2004, 2005).

ou seja, mais operações sintáticas. No fenómeno em estudo, interessar-nos-á, pois, verificar qual a estrutura preferida pela criança.

O trabalho desenvolvido por Costa, Fiéis & Lobo (2015) pretendeu investigar a colocação de clíticos em contextos de ênclise e próclise em PE. Através de uma tarefa de elicitación, a qual foi aplicada a crianças dos 5 aos 7 anos de idade, os autores testaram diversos contextos de próclise, averiguando quais os contextos em que a próclise é adquirida mais cedo. Os resultados mostraram que os contextos em que a aquisição é mais tardia são aqueles em que se encontra mais variação na gramática adulta e são também aqueles que não são categóricos segundo os dados diacrónicos. Esses contextos, em que a próclise é adquirida mais tarde, são aqueles em que existe variação entre itens lexicais ou aqueles cujo estatuto sintático é ambíguo, os quais contrastam com contextos mais independentes de especificações sintáticas, em que a aquisição ocorre mais precocemente e que se encontram mais estabilizados.

Tal como defendem Costa, Fiéis & Lobo (2015), uma vez que diferentes fatores de complexidade influenciam consideravelmente a aquisição da linguagem, espera-se que as estruturas menos complexas sejam adquiridas mais cedo do que as complexas, assim como também se espera que as propriedades sintáticas mais gerais sejam adquiridas mais cedo do que aquelas específicas de determinados itens lexicais. A especificidade dos itens lexicais pode explicar o atraso no processo de aquisição de clíticos em PE, referem os autores.

## **2.2. Restruturação – Estado da Arte**

### **2.2.1. Introdução**

A restruturação é um fenómeno que se encontra em algumas línguas românicas, como o italiano, o espanhol e o português europeu (PE), e em algumas outras línguas, como é o caso do alemão, holandês ou japonês. Pode, ainda, ser encontrada em francês antigo, apesar de já não ser possível em francês contemporâneo. O termo ‘Restruturação’ refere-se a estruturas em que certos verbos parecem formar uma unidade sintática com o verbo dos seus complementos infinitivos. A restruturação caracteriza alguns verbos, nomeadamente auxiliares, verbos de elevação e alguns verbos de controlo.

Barbosa & Raposo (2013:1966-1969) descrevem a reestruturação como uma construção que se manifesta com um número restrito de verbos, os quais selecionam complementos infinitivos cujo sujeito é controlado pelo sujeito da oração principal e caracterizam-se por permitirem um duplo padrão de colocação de pronomes clíticos, os quais são complemento da oração subordinada infinitiva. Assim, é possível que o clítico esteja ligado ao verbo da oração infinitiva (1) ou ao verbo da oração matriz (2), dando-se neste último caso o fenómeno a que se chama de subida de clítico:

1) A Maria quer ver-te.

2) A Maria quer-te ver.<sup>6</sup>

A subida de clítico, da qual me ocupo neste trabalho, constitui, segundo Rizzi (1982), um dos diagnósticos ou efeitos de transparência da reestruturação a par do movimento longo do objeto e da mudança de auxiliar em italiano.<sup>7</sup>

Quanto às configurações do fenómeno, tanto Rizzi (1978, 1982) como Cinque (2004) defendem que a construção de reestruturação corresponde a um domínio mono-oracional, enquanto Kayne (1989) defende que a mesma continua a ser considerada um domínio bioracional. Gonçalves (1999) e Wurmbrand (2003 [2001]), por sua vez, defendem a existência de vários graus de complexidade em estruturas infinitivas selecionadas.

### **2.2.2. Diferentes abordagens**

A análise do fenómeno da reestruturação não é consensual, razão pela qual várias são as teorias propostas por diversos autores para tentar dar conta da mesma.

Rizzi (1978, 1982) aplica o termo reestruturação para dar conta de estruturas em que alguns verbos, denominados de “trigger verbs”, despoletam opcionalmente um processo que reanalisa o verbo da oração matriz e o verbo do complemento infinitivo, passando os mesmos a funcionar como um único complexo verbal, transformando, desta

---

<sup>6</sup> Exemplos fornecidos por Barbosa & Raposo (2013:1966).

<sup>7</sup> Atente-se para o facto de a subida de clítico ser também característica do fenómeno conhecido por União de Orações. No entanto, neste trabalho ocupar-me-ei apenas dos contextos de reestruturação, nos quais, à exceção das construções com o auxiliar *ter* e em construções com gerúndio, a subida de clítico é opcional. Em contextos de União de Orações, a qual ocorre com verbos causativos e percetivos, por outro lado, a subida é obrigatória.

forma, uma estrutura bioracional numa estrutura mono-oracional. Rizzi (1982) propõe, então, o que denomina de Regra de Restruturação ('A Restructuring Rule'), a qual, governada por uma classe restrita de verbos, é responsável por esta reanálise e mudança da estrutura. Nesta classe de verbos que governam a restruturação estão verbos modais, aspetuais e verbos de movimento, segundo o autor.

De acordo com Rizzi (1982:1-2), a Regra de Restruturação consegue dar conta de vários fenómenos, os quais parecem estar relacionados. São eles a subida de clítico, o movimento longo do objeto e a mudança de auxiliar. Estes são, portanto, considerados efeitos da restruturação. Segundo o autor, estes fenómenos parecem interagir uns com os outros, na medida em que, se um ocorre, os outros ocorrem também. Para além disso, parecem ter distribuição idêntica, dado que ocorrem com a mesma classe de verbos.

Relativamente à subida de clítico, explica Rizzi (1982:1.2) que, com alguns verbos, um clítico pertencente ao domínio do complemento infinitivo pode cliticizar ao verbo do qual é complemento (1) ou ao verbo da oração superior (2). Caso não se trate de um verbo de restruturação, apenas a primeira opção é admissível (veja-se o contraste de gramaticalidade entre (3) e (4)):

- 1) Piero verrà a parlarti di parapsicologia.
- 2) Piero ti verrà a parlare di parapsicologia.
- 3) Piero deciderà di parlarti di parapsicologia.
- 4) \*Piero ti deciderà di parlare di parapsicologia.

No caso do movimento longo do objeto, em frases de *si* impessoal e com certos verbos, o objeto direto da oração encaixada pode tornar-se o sujeito principal (6). O mesmo não é possível com outros verbos (8):<sup>8</sup>

- 5) Finalmente si comincerà a costruire le nuove case popolari.
- 6) Finalmente le nuove case popolari si cominceranno a costruire.
- 7) Finalmente si otterrà di costruire le nuove case popolari.
- 8) \*Finalmente le nuove case popolari si otterranno di costruire.

---

<sup>8</sup> Gonçalves (1999:140-141) considera a construção com *se* passivo do PE o equivalente à construção de movimento longo de objeto do italiano.

Por fim, vejamos o caso da mudança de auxiliar em italiano. Em italiano, os verbos podem ter como auxiliar aspetual *avere* ou *essere*. No entanto, determinados verbos que normalmente têm *avere* como auxiliar podem utilizar *essere*, caso o verbo da oração encaixada tenha *essere* como auxiliar (10). Com outros verbos o mesmo não se verifica (12):

- 9) Mario ha voluto tornare a casa.
- 10) Mario è voluto tornare a casa.
- 11) Mario ha promesso di tornare a casa.
- 12) \*Mario è promesso di tornare a casa.

Rizzi (1982) faz, ainda, referência a um outro teste de diagnóstico que corresponde a um deslocamento designado *Tough Movement*. Este processo permite que o objeto da oração encaixada se mova para a posição de sujeito da oração principal. No entanto, o objeto pode apenas ser extraído do domínio imediatamente precedente, não podendo ultrapassar mais do que uma barreira oracional (14). Contudo, esta condição pode ser violada caso o verbo principal do domínio encaixado mais alto seja um verbo de reestruturação (16):

- 13) È difficile convincere Mario a finire questo libro prima di lunedì.
- 14) \*Questo libro è difficile da convincere Mario a finire prima di lunedì.
- 15) È facile cominciare a cantare questa canzone (ma non altrettanto continuare).
- 16) Questa canzone è facile da cominciare a cantare (ma non altrettanto da continuare).

O autor (1982) apresenta alguns argumentos a fim de suportar a sua proposta e enumera alguns testes de constituição, os quais envolvem movimento-*qu*, ‘right-node raising’ e ‘complex NP shift’.<sup>9</sup>

Já Napoli (1981) defende que a reestruturação não é governada lexicalmente, pois ela ocorre livremente. Para a autora deve haver uma separação entre as componentes sintática e semântica da gramática. Seguindo a EST (Extended Standard Theory), na qual Rizzi (1978) se baseia, a autora defende que as regras sintáticas não têm acesso à informação semântica e argumenta que a melhor forma de dar conta da generalização

---

<sup>9</sup> Para um estudo mais aprofundado acerca da proposta, veja-se Rizzi (1982).



acerca da semântica dos verbos de reestruturação é através de uma regra de interpretação semântica, que é aplicada apenas depois de a reestruturação ocorrer. Esta regra poderá, desta forma, resolver o problema de não haver uma lista fixa de verbos de reestruturação, ao delimitar as interpretações semânticas possíveis.

Burzio (1986) segue a linha de Rizzi (1982), na medida em que concorda que os três fenómenos acima apontados resultam do processo de reestruturação. No entanto, a sua análise diverge ao postular que a regra de reestruturação consiste num processo de movimento de SV, o qual se aplica a verbos de diferentes classes: ergativos, verbos de controlo e verbos de elevação. Burzio (1986) compara contextos de construções causativas com contextos de reestruturação, concluindo que as diferenças que se fazem notar resultam do facto de os sujeitos principal e encaixado estarem coindexados nos contextos de reestruturação, mas não nos contextos causativos. De acordo com o autor, ao contrário do que acontece nos contextos de reestruturação, os contextos causativos estão presentes em línguas de sujeito obrigatório, como o francês contemporâneo. Burzio (1986:383) enumera algumas construções que são compatíveis com contextos de reestruturação, mas não com contextos causativos: Ergativa, Passiva, Movimento Longo do Objeto, construção-*ci*, Inversão e Extraposição. De acordo com o autor, estas construções envolvem uma relação entre o sujeito e um elemento do SV.

Kayne (1989) apresenta uma proposta alternativa à de Rizzi (1982) ao defender que as construções de subida de clítico são estruturas bioracionais.

O trabalho de Kayne (1989) centra-se essencialmente na correlação que o autor estabelece entre a subida de clítico e a possibilidade de sujeito nulo. O autor estuda o fenómeno em francês e em italiano, salientando o contraste entre estas duas línguas, o qual é explicado pelo facto de a segunda ser língua de sujeito nulo, mas a primeira não. O autor refere que o fenómeno da subida de clítico encontra-se em várias línguas românicas, em fases antigas do francês e em vários dialetos do francês.

Nesta abordagem, o autor rejeita a Regra de Reestruturação proposta por Rizzi (1982), apesar de também Kayne (1989) atribuir um papel importante a INFL.

O autor assume, também, que os clíticos correspondem a núcleos e não a projeções máximas, o que o leva a assumir que o movimento dos clíticos é também ele nuclear.

A análise de Kayne apresenta alguns problemas, como é referido por Magro (2004). Segundo esta autora (2004:9), “não resolve a questão de verbos pertencentes às

classes de controlo de sujeito e de elevação de sujeito não admitirem SC” e “não motiva a subida do clítico para I infinitivo e, consequentemente, não trata a questão da opcionalidade da SC”.

Outro dos autores que mais se dedicou ao estudo da reestruturação foi Cinque (2004, 2006). Cinque (2006:12) começa por referir que o facto de encontrarmos fenómenos de transparência comparáveis à subida de clítico em várias línguas e com o mesmo conjunto de verbos sugere que o fenómeno é universal e deve, portanto, seguir alguma propriedade geral da GU. O autor propõe, inicialmente, duas opções relativamente aos efeitos de transparência: ou estes estão obrigatoriamente presentes numa estrutura mono-oracional ou obrigatoriamente ausentes numa estrutura bioracional. Note-se que, à semelhança de Rizzi (1982), também Cinque (2004, 2006) segue a hipótese de que, quando se dá a reestruturação, a estrutura se transforma numa estrutura mono-oracional.

O autor propõe uma hierarquia de projeções funcionais que, na sua visão, constitui a estrutura funcional da oração em todas as línguas. De acordo com Cinque (2006:12), os verbos de reestruturação correspondem a diferentes núcleos da hierarquia por ele proposta, na medida em que cada um parece lexicalizar o conteúdo de uma ou outra projeção funcional.

A hipótese central defendida em Cinque (2006), na qual ele baseia o seu trabalho e a qual origina, posteriormente, bastante controvérsia, resulta da assunção que o autor faz de que os verbos de reestruturação são sempre verbos funcionais numa configuração mono-oracional, mesmo quando se trata da variante em que os efeitos de transparência parecem não estar presentes. Na perspetiva do autor, independentemente da presença ou ausência de efeitos de transparência, os verbos de reestruturação são sempre verbos funcionais diretamente inseridos nos seus núcleos funcionais, à semelhança do que acontece com os auxiliares. Assim sendo, também estes não atribuem papel temático e não têm argumentos seus.

A correlação entre a reestruturação e os sujeitos nulos não é apoiada por Cinque (2006), uma vez que o autor não vê ligação necessária entre os dois fenómenos. Como forma de sustentar a sua opinião, o autor recorre a Haverkort (1993:76) e a Martins (2000:185), autores que mostram que no século XVII a subida de clítico em francês é ainda recorrente, ao contrário da possibilidade de sujeito nulo, que já se teria perdido um

século antes. Haverkort (1993:77) discute, também, o facto de nas línguas Kru existir subida de clítico, mas não sujeitos nulos.

O autor rejeita uma abordagem lexicalista, recusando a observação muitas vezes feita de que a classe de verbos de reestruturação varia de língua para língua e de falante para falante, visto que tal assunção iria contra a abordagem da GU por ele tomada.

Wurmbrand (2003 [2001]) contraria a proposta de Cinque (2004, 2006) ao rejeitar uma abordagem que trata todos os verbos de reestruturação como funcionais. A reestruturação não é, portanto, tratada de forma uniforme, mas dividida em lexical e funcional. A autora foca-se, especificamente, no caso do alemão, dividindo os complementos infinitivos em quatro classes: infinitivos de reestruturação lexical, infinitivos de reestruturação funcional, infinitivos reduzidos não-restruturados e infinitivos não-restruturados. Wurmbrand (2003 [2001]) apresenta uma análise que assenta na ideia de que os verbos de elevação e de controlo não formam uma classe uniforme, sendo representados por diferentes configurações que refletem as propriedades sintáticas e semânticas das construções infinitivas em causa.<sup>10</sup>

Os infinitivos de reestruturação lexical são vistos como VPs sem projeções associadas a tempo, caso estrutural, negação e complementador e considerados infinitivos de controlo obrigatório. A reestruturação funcional, por sua vez, refere-se a configurações mono-oracionais, nas quais o verbo representa um núcleo funcional e o infinitivo é o predicado principal da oração (Wurmbrand (2003 [2001]:4-5).

A proposta da autora é, de certo modo, intermédia no que diz respeito às componentes da gramática envolvidas no fenómeno. A autora demonstra que os predicados de reestruturação têm propriedades semânticas uniformes, mas defende que a semântica não é suficiente para determinar se uma construção permite ou não

---

<sup>10</sup> A autora propõe uma hierarquia tipológica de classes de verbos formadores de predicados complexos, segundo a qual os verbos modais, aspetuais, causativos e de movimento estarão entre os verbos de formação de predicado complexo, verbos como *try*, *manage* e *dare* terão algum nível de formação de predicados complexos em algumas línguas, verbos *irrealis* e implicativos terão um nível mínimo de formação de predicados complexos e verbos preposicionais e factivos estarão geralmente fora da formação de predicados complexos (Wurmbrand (2006:314). Para o PE, Magro (2004:14) apresenta uma lista de verbos, com base nos dados do *CORDIAL-SIN*, que aceitam a subida de clítico: verbos de elevação (*andar a*, *chegar a*, *começar a*, *costumar a*, *estar a*, *tornar a*, *voltar a*, *haver de*, *ir (a)*, *vir*, *dever (a)*, *poder*, *acabar de*, *dar em*, *deixar de*, *empeçar a*, *renovar a*, *usar*, *ir para*, *dever de*, *ter (de/que)*; verbos de controlo sujeito: *querer*, *saber*; verbos percetivos/causativos: *mandar*, *deixar*, *fazer*, *ver*, *ouvir*.

restruturação, pelo que outros fatores, nomeadamente sintáticos, têm de ser tidos em consideração.

Quanto à estrutura do fenómeno, Wurmbrand (2003 [2001]) analisa as propostas de configurações mono e bioracionais, concluindo que a proposta mono-oracional é superior, tendo em conta que prevê e explica uma série de correlações entre as propriedades sintáticas e semânticas da reestruturação, sem ter de recorrer às assunções não motivadas características das abordagens bioracionais.

Cardinaletti & Shlonsky (2004:50) argumentam no seu trabalho que os verbos podem ser inseridos no VP ou num núcleo funcional, dando esta última situação origem à construção de reestruturação. Os autores desenvolvem a sua hipótese, propondo duas posições distintas para clíticos numa oração: uma posição lexical associada ao verbo lexical e determinada estruturalmente por ele, e uma posição oracional localizada no domínio funcional, que não está associada a nenhum verbo funcional em específico. Os autores referem a questão da opcionalidade da reestruturação, explicando que o mesmo verbo pode ser usado como verbo lexical ou funcional, sendo que no primeiro caso há reestruturação e a construção é mono-oracional, enquanto no segundo caso a construção é bioracional e não existem efeitos de transparência.

A questão da recursividade da reestruturação é abordada por Cardinaletti & Shlonsky (2004), argumentando os autores que, quando há reestruturação, ela ocorre no domínio funcional do verbo mais alto, sendo impossível ocorrer num verbo intermédio. Nos casos em que o clítico parece adjungir-se a um domínio intermédio, é considerado pelos autores que tal não passa de uma ilusão.

Quanto ao tratamento da reestruturação em PE, refira-se o trabalho de Gonçalves (1999) e o de Martins (2000). Gonçalves (2002) estuda alguns verbos auxiliares e de reestruturação, incluindo alguns verbos de elevação (por exemplo, *poder* e *dever*) e alguns verbos de controlo (por exemplo, *querer* e *conseguir*). A autora separa verbos que admitem subida de clítico de verbos que não a admitem, explicando que no segundo caso, ao inverso do primeiro, não é possível haver Movimento Longo de Objeto com clítico *se* (17), mas que é possível a coocorrência de expressões adverbiais com valores temporais distintos (18):

17) \*Na reunião decidiram-se resolver os problemas dos sócios.

18) Os jornalistas, anteontem, decidiram publicar a imagem do criminoso, ontem.

Segundo Gonçalves (2002), os verbos de controlo e de elevação têm comportamento sintático duplo: alguns selecionam complemento infinitivo e formam uma única unidade sintática com o verbo que selecionam; outros selecionam complemento infinitivo e mantêm-se sintaticamente independentes do verbo que selecionam. No segundo caso, diferem dos verbos auxiliares, por exemplo, na medida em que existem dois domínios frásicos e não um. A autora propõe, ainda, duas subclasses de verbos de reestruturação e apresenta algumas propriedades que os distinguem.<sup>11</sup>

Gonçalves, Cunha & Silvano (2010) apresentam a hipótese de que, nas construções com auxiliares e com alguns verbos de controlo e de elevação, existe apenas um único domínio frásico, visto que os clíticos têm de ocorrer num domínio frásico não defetivo (o clítico estaria, por isso, adjunto a T ativo), o Movimento Longo do Objeto tem de operar localmente (o objeto encaixado não pode ultrapassar uma fronteira frásica) e a coocorrência de modificadores distintos não é permitida (a mesma indicaria a existência de domínios temporais independentes) (Gonçalves (2002:49-50). A impossibilidade de ocorrência de um marcador de negação no domínio encaixado é, para a autora, um outro indicador de que estamos perante um único domínio frásico.

A proposta de Gonçalves, Cunha & Silvano (2010) defende que na construção de reestruturação, com verbos de controlo, existem dois domínios em que T se projeta, o que faz com que a estrutura seja sempre bioracional, que a possibilidade de alguns verbos desencadearem a formação de um predicado complexo resulta das condições acerca da interpretação temporal da oração no infinitivo e ainda que, para dar conta dos contextos de reestruturação, é necessário ter em conta fatores sintáticos e semânticos.

Para os autores, uma das condições necessárias à reestruturação é a dependência temporal da oração encaixada. De acordo com esta perspetiva, o complemento infinitivo nas construções de reestruturação é dependente do domínio superior, uma vez que “a localização temporal do evento descrito no domínio encaixado depende das especificações temporais do domínio matriz, pelo que o primeiro não pode conter

---

<sup>11</sup> Gonçalves (2002:50) refere que nem todos os verbos podem selecionar completivas finitas, que apenas os verbos de controlo podem impor restrições semânticas ao sujeito e que só com verbos de controlo é possível a ocorrência de um pronome anafórico na posição de sujeito do domínio infinitivo.

informação temporal independente das especificações temporais do segundo” (Gonçalves (2010:439).<sup>12</sup>

Ao contrário de Wurmbrand (2003 [2001]) e Cinque (2004, 2006) que defendem a não projeção de T nos contextos de reestruturação, Gonçalves, Cunha & Silvano (2010) defendem que, em PE, o núcleo T do domínio encaixado se projeta mesmo quando são visíveis efeitos de reestruturação. No entanto, como T é defetivo, tem traços não valorados, pelo que a derivação só será legítima se T matriz valorar os traços de T encaixado por Agree. A proposta dos autores para o PE assenta, pois, na defetividade de T em contextos de reestruturação. Segundo a autora, esta análise permite explicar a subida de clítico, uma vez que em PE os clíticos são feixes de traços- $\phi$ , os quais são sondados e atraídos por T ativo, sendo só legítimos em domínios em que T se projeta. Quanto às construções com *se* passivo, o DP objeto do verbo encaixado e sujeito da oração matriz são, também, sondados por T matriz, de forma a marcarem os seus traços-  $\phi$  para apagamento. A autora também tenta explicar o porquê de o operador de negação não poder ocorrer no domínio encaixado ao argumentar que, quando T encaixado é defetivo, não legitima Neg.

A formação de predicado complexo pode ser explicada, na visão de Gonçalves & Matos (2008:214), através de fases e da operação Agree, a qual, sob c-comando entre T matriz e T encaixado é responsável pela fixação dos traços de T encaixado. Assim, o nó encaixado e o nó matriz formam uma única fase temporalizada e são inseridos dentro de um único CP.

Vários autores contestam a hipótese defendida por Gonçalves (1999). Fiéis, Madeira & Xavier (2013) rejeitam uma associação entre as propriedades temporais e reestruturação. Magro (2004:27-28), por sua vez, apresenta dados que contradizem as predições feitas por Gonçalves (1999), nomeadamente a impossibilidade de ocorrência do operador de negação no domínio encaixado:

19) É muito bom mas pode-se não gostar.

20) Vi-a mas podia-a não ter visto.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Esta assunção é contestada por Fiéis, Madeira & Xavier (2013), para as quais a associação entre propriedades temporais e a reestruturação não é sustentável. Para as autoras, a reestruturação depende das propriedades de seleção categorial dos verbos de reestruturação, sendo que os mesmos não têm um comportamento uniforme relativamente à reestruturação.

<sup>13</sup> Exemplos fornecidos por Magro (2004:28) e que correspondem aos informantes M-II-SUP-Lisboa-O-2003 e M-II-SUP-Lisboa-O-2004, respetivamente. Estes dados são provenientes de outros testemunhos e não pertencem ao CORDIAL-SIN, de onde a maioria dos dados deste trabalho provém.

Relativamente aos predicados complexos, Andrade (2010) salienta que uma língua pode apresentar vários diagnósticos de formação de predicados complexos, anotando que, nas línguas românicas, a subida de clítico é o principal diagnóstico, constituindo um efeito de transparência. O autor expõe, detalhadamente, os critérios para a formação de predicados complexos, começando por referir a classe do verbo regente, que seleciona o complemento infinitivo. Para além deste, menciona a questão da correferência, na qual o predicado complexo integra dois eventos que partilham o mesmo sujeito sintático numa relação de encaixamento por correferência (por ele considerado o principal requisito para a formação de predicados complexos). Recorrendo a Gonçalves (1999), o autor apresenta, como terceiro critério, a partilha do mesmo domínio temporal entre o domínio matriz e o encaixado e acrescenta a questão da coesão estrutural ou adjacência, segundo a qual, não é possível, ou muito dificilmente será possível, haver interrupção de sequência de constituintes entre verbo regente e verbo não-finito.<sup>14</sup>

Estes critérios são, no entanto, questionáveis, tendo já vários autores rejeitado a questão de dependência temporal proposta por Gonçalves (1999), por exemplo.

Fiéis & Madeira (2012) conduziram um estudo acerca dos predicados de controlo na diacronia do português. O trabalho pretendeu não só discutir as implicações das propriedades temporais dos complementos infinitivos na reestruturação com predicados de controlo, como também averiguar a razão pela qual apenas alguns verbos de controlo permitem reestruturação sincrónica e diacronicamente. Para tal, as autoras recorreram a três *corpora*: o *Corpus* Informatizado do Português Medieval, o *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe e o *Corpus* de Extratos de Textos Eletrónicos MCT/Público. Para além disso, as autoras aplicaram um teste de juízos de gramaticalidade a um grupo de 18 falantes nativos de português europeu, com grau académico superior e com idades compreendidas entre os 23 e os 67 anos.

Segundo o que as autoras puderam apurar através do teste de juízo de gramaticalidade que aplicaram, houve um grupo mais conservador que aceitou subida apenas com verbos como *querer* ou *conseguir* e outro que aceitou subida com praticamente todos os verbos testados. Dos verbos testados, nenhum deles foi considerado

---

<sup>14</sup> Gonçalves (1999:343-344) menciona que é permitido que advérbios de modo, elementos focalizadores e o sujeito, em estruturas de inversão sujeito-verbo, intervenham entre verbo regente e verbo infinitivo em contexto de predicado complexo. Em função disso, Andrade (2010) conclui que será necessário apenas um certo nível de coesão estrutural.

como impossibilitando por completo a subida, havendo, em vez disso, uma gradação de aceitabilidade, a qual é apresentada pelas autoras no seu estudo.

As autoras concluíram, também, que a presença de um atrator de próclise parece favorecer a subida e que a natureza do clítico parece ter influência no julgamento das frases.

De acordo com a análise desenvolvida por Fiéis & Madeira (2012), o facto de fatores como a natureza do clítico e a presença de proclisadores condicionarem a possibilidade de reestruturação revela que o fenómeno é independente de questões interpretativas. Desta forma, também estas autoras se posicionam contra o argumento desenvolvido por Gonçalves (1999), segundo o qual a defetividade temporal do domínio infinitivo constitui condição necessária para a reestruturação, rejeitando uma correlação entre as propriedades temporais e a reestruturação. Na visão de Fiéis & Madeira (2012), esta correlação não explica a variação encontrada, razão pela qual deve haver uma dissociação entre a semântica e a sintaxe dos verbos. Assim, o fenómeno da reestruturação deve depender apenas das propriedades de seleção do verbo da oração matriz.

As autoras rejeitam também a bipartição apresentada por Gonçalves (1999) na qual os verbos são divididos em dois grupos: o Grupo I que permite reestruturação e o Grupo II que não a permite.

É ainda acrescentado pelas autoras que, quanto à estrutura funcional, a mesma pode ser defetiva, ou seja, as categorias podem não ser sempre projetadas, o que contraria a hipótese de Cinque (2004, 2006), segundo a qual as categorias funcionais são sempre projetadas de acordo com uma hierarquia universal. Para Fiéis & Madeira (2012) uma categoria funcional apenas é projetada se houver evidência morfológica ou sintática para a sua presença.

### **2.2.3. Correlação entre a subida de clítico e o parâmetro do sujeito nulo**

O parâmetro do sujeito nulo tem sido estudado exaustivamente e várias são as propostas de explicação do fenómeno. Tal como refere Guasti (2002), este tem sido um dos tópicos mais estudados em aquisição de sintaxe. Tanto Guasti (2002) como Lobo (2016) destacam o trabalho desenvolvido por Hyams (1986) nesta área, o qual foi pioneiro



e deu origem a diversas análises sobre a aquisição do sujeito nulo. A investigação tem demonstrado que a fixação de parâmetros se dá precocemente e a fixação do parâmetro do sujeito nulo é exemplo disso. Segundo Guasti (2002), as crianças fixam o parâmetro corretamente desde tenra idade, detetando regularidades da sua língua-alvo desde bastante cedo. Segundo a autora (2002:179) aos 2 anos de idade, por volta da altura em que começam a combinar palavras, as crianças já fixaram corretamente os parâmetros que governam a distribuição de sujeitos nulos.

Wexler (1998) posiciona-se contra a análise proposta inicialmente por Hyams (1986) segundo a qual a omissão de sujeito nas produções infantis se deveria a uma fixação inicial incorreta do parâmetro do sujeito nulo. Wexler (1998:25) a este propósito, formula uma hipótese denominada *Very Early Parameter Setting*, segundo a qual os parâmetros básicos são fixados corretamente a partir dos primeiros estádios observados, ou seja, por volta dos 18 meses de idade. Dos parâmetros básicos fazem parte a ordem de palavras (VO vs.OV), o movimento ou não movimento de V para I, a ordem V2 ou não V2 e a ocorrência de sujeitos nulos ou de sujeitos obrigatórios.

Valian (1990:116) defende a fixação precoce do parâmetro do sujeito nulo. O facto de os sujeitos nulos em italiano em produção infantil terem aproximadamente a mesma frequência e distribuição do atestado em produção adulta, como mostram os dados apresentados por Valian (1990) e Lorusso (2007), sugere que as crianças italianas fixam o parâmetro do sujeito nulo desde tenra idade, tal como é defendido por Hyams (2011:18).

Quanto ao caso do português, como refere Lobo (2016), as características das produções infantis enquadram-se na descrição de uma língua de sujeito nulo clássica, uma vez que as crianças mostram adquirir a morfologia de concordância cedo, produzem sujeitos nulos em orações principais e subordinadas e têm taxas de omissão características das de línguas de sujeito nulo. Adicionalmente, tendo por base estudos anteriores, a autora ressalta o facto de as crianças portuguesas produzirem desde cedo formas verbais flexionadas, fazendo poucos erros de flexão.

Como já referi anteriormente, a proposta de Kayne (1989) centra-se na correlação que o autor faz entre a ocorrência de subida de clítico e o parâmetro do sujeito nulo. Na tentativa de explicar o porquê da ocorrência de subida de clítico em algumas línguas e a impossibilidade de ocorrência em francês contemporâneo, Kayne (1989:240-241) explica que para um clítico se adjungir a I, é necessário que se mova para fora do seu domínio

VP. O autor assume a teoria de Chomsky (1986) relativa à regência por antecedente, segundo a qual um VP é uma potencial barreira para regência por antecedente, podendo deixar de ser barreira caso seja L-marcado por I. Ora, dado que em francês o V infinitivo não se move para I e que o I infinitivo não é suficientemente forte para L-marcar VP, então o clítico não poderá mover-se para fora do VP infinitivo, podendo apenas adjungir-se a V. Nesta perspetiva, numa língua românica que legitime sujeitos nulos, I é forte o suficiente para L-marcar VP mesmo que V não suba até I. Desta forma, o clítico conseguirá mover-se para I, ultrapassando um advérbio adjunto a VP, caso haja algum (Kayne 1989:241). Kayne (1989:241) menciona que clíticos pós-infinitivo são possíveis em línguas de sujeito nulo, e defende que os mesmos não são possíveis em francês, pois o I fraco do francês impede que o infinitivo saia de VP e que os clíticos em línguas românicas devem ser sempre adjungidos à esquerda de um núcleo. É, ainda, acrescentado pelo autor que em algumas construções causativas do francês é possível que haja subida de clítico, o que sugere que alguns verbos causativos tenham a possibilidade de tomar um complemento VP.

Caso haja, efetivamente, uma correlação entre o parâmetro do sujeito nulo e a possibilidade de subida de clítico e se se tiver em conta que o parâmetro do sujeito nulo é fixado desde tenra idade, prevê-se, então, que o segundo fenómeno seja também adquirido cedo.<sup>15</sup>

#### **2.2.4. Estruturas de predicado complexo com infinitivo preposicionado**

Duarte (2003:8598-859) argumenta que “em construções com verbos semiauxiliares aspectuais que seleccionam complementos infinitivos preposicionados, na presença de um proclisador no domínio superior, pode ocorrer Subida de Clítico com as preposições *a* e *de*, mas não com a preposição *por*.” Caso não haja proclisador, o clítico pode ocorrer no domínio superior ou no encaixado quando a preposição é *a*, mas preferencial e obrigatoriamente à forma encaixada, quando as preposições são *de* e *por*, respetivamente.<sup>16</sup> A autora acrescenta que, com construções de infinitivo preposicionado,

---

<sup>15</sup> Há, contudo, como vimos na secção anterior, autores que consideram esta correlação problemática.

<sup>16</sup> Duarte (2003:857-858) fornece os seguintes exemplos:

- (i) ?O João não lhe começou a ensinar russo.
- (ii) ?O João não lhe deixou de falar.

a formação de um predicado complexo está mais limitada, uma vez que, enquanto a preposição *a* admite a formação de predicado complexo, a preposição *de* só a permite marginalmente e a preposição *por* bloqueia-a. Isto leva a autora a propor que os complementos infinitivos que regem *de* e *por* são mais autônomos sintaticamente.

Magro (2004) aborda a questão da ambiguidade do estatuto categorial dos elementos introdutórios das orações infinitivas, remetendo para autores que exploraram a proximidade entre as preposições e os complementadores e propondo que, no PE, esses elementos possam ter duas entradas no léxico como preposições e complementadores.

A questão dos complementadores é também abordada por Cinque (2006). O autor menciona que as preposições *di* e *a*, normalmente interpretadas como complementadores, devem ser reinterpretadas como introdutoras de porções mais pequenas da projeção alargada de VP.

Andrade (2010) argumenta que as preposições *a* e *de* não são complementadores, mas preposições, uma vez que a presença de complementadores contrariaria a abordagem mono-oracional por ele defendida.

Relativamente a *de*, Raposo (2013) propõe que esta preposição se incorpora no verbo auxiliar, formando um grupo complexo unitário do ponto de vista morfológico, razão pela qual a interpolação do clítico entre o verbo auxiliar e a preposição por ele regida não produz resultados aceitáveis:

- 1) ??Tenho-lhe de pagar alguma coisa, certamente.<sup>17</sup>

No entanto, esta proposta de Raposo (2013) parece-me bastante problemática, uma vez que é possível a ocorrência de advérbios entre verbo e preposição (por exemplo, o advérbio *mesmo*).

- 
- (iii) \*O João não se acabou por esquecer da festa.  
(iv) O João começou-lhe a ensinar russo.  
(v) ?/\*O João deixou-lhe de falar.  
(vi) \*O João acabou-se por esquecer da festa.

<sup>17</sup> Exemplo fornecido por Raposo (2013:1242).

### **2.3. Estudos de aquisição de estruturas com subida de clítico**

Analiso, nesta secção, estudos anteriores sobre aquisição de estruturas com subida de clítico, apesar de não haver ainda muitos estudos sobre a aquisição deste fenómeno. No caso da aquisição de subida de clítico em L1, refira-se, em primeiro lugar, o trabalho de Eisenclas (2003). Através de um teste de repetição, este estudo demonstrou que as crianças argentinas preferiram a subida de clítico em alternativa à não subida.

O estudo de Rodríguez-Mondoñedo, Snyder & Sugisaki (2006) evidenciou que as crianças espanholas usam subida de clítico desde tenra idade, não passando por uma fase em que usam apenas a não subida. Segundo os autores, os resultados a que o estudo chegou servem de suporte à correlação feita por Kayne (1989) entre a possibilidade de subida de clítico e o parâmetro do sujeito nulo.

Pérez-Leroux, Cuza & Thomas (2011) analisaram a colocação de clíticos em contextos de reestruturação por crianças bilingues de inglês-espanhol, investigando, simultaneamente, a influência exercida pelo fenómeno da transferência. A propósito, também, da transferência, refira-se o trabalho de Hamann & Belletti (2006).

Quanto aos estudos de aquisição de subida de clítico em L2, faço referência ao trabalho desenvolvido por Fiéis, Madeira & Xavier (2013), o qual analisou a aquisição de estruturas com subida de clítico em PE por falantes de espanhol e de alemão.

#### **2.3.1. Conhecimento implicado no fenómeno**

No que diz respeito ao conhecimento envolvido na colocação de clíticos, refere Eisenclas (2003) para o espanhol que o domínio do sistema de clíticos implica conhecimento acerca de diferentes aspetos da gramática, nomeadamente a fonologia, morfologia, sintaxe e a interface entre sintaxe e semântica. Juntamente com isso, o domínio deste sistema pressupõe, ainda, que haja conhecimento acerca das regras de concordância e acerca dos elementos que podem funcionar como hospedeiros do clítico.

Tanto Eisenclas (2003) como Fiéis, Madeira & Xavier (2013) salientam que, em contextos de subida de clítico, para além do conhecimento acerca das propriedades dos clíticos enquanto elementos funcionais, é ainda necessário que as crianças tenham

conhecimento acerca das regras de subida de clítico e dos verbos que aceitam ou não subida, ou seja, a aquisição de contextos de reestruturação envolve não só conhecimento sintático como também conhecimento lexical.

Para além do conhecimento sobre a aquisição de estruturas de subida de clítico, importa também perceber o conhecimento que as crianças têm de estruturas com infinitivo e como se processa a aquisição dessas estruturas. Santos (no prelo) investigou alguns aspetos da aquisição de orações subordinadas completivas. A construção com o verbo de controlo *querer* é referida no trabalho como exemplo de uma estrutura completiva infinitiva com infinitivo não flexionado.

A propósito da aquisição propriamente dita, Santos (no prelo) salienta a necessidade de investigar a aquisição de processos de subordinação, a fim de perceber como se desenvolvem as capacidades de produção e compreensão dos mesmos. Interessa, ainda, compreender as propriedades sintáticas e semânticas que caracterizam os predicadores das orações completivas. Assim, conhecimento sintático e semântico devem interagir no processo de aquisição.

De acordo com Santos (no prelo) as orações subordinadas surgem em produção infantil a partir dos 2 anos de idade, sendo que, das orações subordinadas completivas, as primeiras produzidas são as completivas infinitivas, principalmente as construções com *querer*, verbo que surge no discurso infantil muito precocemente. A interpretação das estruturas de controlo pelo sujeito com o verbo *querer*, que tem um único argumento na matriz, também parece ser precoce, mas outras estruturas infinitivas podem estabilizar mais tardiamente, nomeadamente estruturas de controlo pelo sujeito com 2 argumentos na matriz (*prometer*). (Agostinho 2014). Agostinho (2014), que investigou a aquisição de algumas estruturas de controlo, demonstra, desta forma, que há assimetrias na compreensão de estruturas de controlo com diferentes verbos.

### **2.3.2. Estudo da aquisição de subida de clítico em L1**

Eisenchlas (2003) investigou o conhecimento que as crianças têm dos pronomes clíticos e procurou averiguar se os erros dados por elas sugerem descontinuidade entre a gramática infantil e a gramática adulta. De acordo com os resultados do teste, as crianças

são capazes de distinguir, desde tenra idade (neste caso desde a primeira idade testada, que correspondeu aos três anos), clíticos de expressões pronominais, mostrando ter conhecimento sintático e morfolexical. Para além disso, os resultados evidenciam que os erros cometidos pelas crianças são limitados, tal como seria esperado, uma vez que a GU deve restringir o conjunto de possibilidades formuladas pela criança. Relativamente às estruturas testadas, a autora demonstra que há uma convergência entre a gramática da criança e do adulto, estabilizando a curva de aquisição por volta dos quatro anos de idade. A autora testou contextos com subida de clítico, tendo aplicado um teste de repetição a 71 crianças argentinas falantes monolíngues de espanhol. Os resultados do estudo mostraram que os clíticos pré-verbais são mais fáceis para as crianças do que os pós-verbais, o que significa que a subida é mais fácil do que a não subida.<sup>18</sup> A autora analisou as respostas divergentes da frase estímulo e concluiu que 73% dessas respostas estavam relacionadas com o clítico da frase estímulo e que desses 73%, 46% correspondiam à mudança na colocação do clítico da posição pós-verbal para a posição pré-verbal. Por outras palavras, 46% das respostas diferentes da frase estímulo correspondiam a casos em que a criança substituíra construções sem subida de clítico por construções com subida, o que resultou numa percentagem de 93% das ocorrências em que houve mudança na colocação do clítico. Por outro lado, verificou-se que apenas 6% da percentagem das ocorrências com mudança na colocação de clíticos correspondeu a casos em que houve mudança de clítico da posição pré-verbal para a pós-verbal e que essas ocorrências foram observadas apenas nos grupos de crianças mais velhas. Quer isto dizer que a substituição de estruturas com subida por estruturas sem subida foi muito residual e que se deu apenas com crianças mais velhas, pelo que há, de modo geral, preferência pela subida em todos os grupos, apesar de ela ser mais acentuada nos grupos mais novos. A autora sugere que a preferência pela subida possa ser explicada através da análise que considera a subida uma operação menos custosa do que a não subida.

O estudo de aquisição de subida de clítico em espanhol L1 conduzido por Rodríguez-Mondoñedo, Snyder & Sugisaki (2006) teve como objetivo avaliar a predição proposta por este estudo, de acordo com a qual é expectável que as crianças falantes de

---

<sup>18</sup> Importa notar que a autora refere-se à subida e à não subida de clítico como próclise e ênclise, respetivamente. Uma vez que em espanhol o padrão de colocação de clíticos está dependente da finitude, estando o clítico em posição proclítica com verbos finitos e em posição enclítica com verbos infinitivos, as posições próclise e ênclise, no caso de complexos verbais, correspondem a subida e não subida, respetivamente.

espanhol comecem a usar subida de clítico assim que adquiram outro tipo de conhecimento relevante (sobre clíticos e complementos infinitivos). Para confirmar esta predição, os autores selecionaram cinco *corpora* longitudinais retirados do CHILDES, constituindo uma amostra total de mais de 23,000 linhas de produção infantil. Os resultados obtidos mostram que apenas uma criança começou a usar subida de clítico no fim do *corpus*. No entanto, as restantes quatro usam tanto subida como não subida. Duas destas quatro crianças produziram não subida em primeiro lugar, tendo as outras duas produzido subida primeiro.

Os resultados confirmaram que as crianças usam subida de clítico desde muito cedo e que não passam por um período em que usam apenas a não subida. De acordo com os resultados, o fenómeno é adquirido entre os 2;0 e 3;10 e a discrepância na idade não é acentuada.

No que diz respeito às hipóteses teóricas por eles avançadas no início do estudo, os autores chegam à conclusão de que o estudo serve como evidência a favor da hipótese defendida por Kayne (1989), segundo a qual a possibilidade de subida de clítico está relacionada com o parâmetro do sujeito nulo e confirmam a hipótese de Wexler (1998) de acordo com a qual o parâmetro do sujeito nulo é fixado desde os primeiros estádios observados, tal como acontece com outros parâmetros básicos.

Assim, caso as hipóteses defendidas por Kayne (1989) e Wexler (1998) estejam corretas, esperar-se-á que o fenómeno da subida de clítico esteja também disponível desde tenra idade.

### **2.3.3. Estudo da aquisição de subida de clítico em L2 e por bilingues**

Num trabalho desenvolvido por Fiéis, Madeira & Xavier (2013) acerca da aquisição de subida de clítico em português L2, testou-se 40 falantes de espanhol e alemão, cuja L2 era o português. Os participantes tinham diferentes níveis de proficiência. O estudo recorreu a uma tarefa de aceitabilidade a fim de testar o conhecimento acerca da subida de clítico com diferentes tipos de verbos. As autoras utilizaram apenas clíticos dativos de 3ª pessoa, uma vez que estudos anteriores mostraram que há mais aceitabilidade com este tipo de clíticos do que com clíticos acusativos, por exemplo (cf.

Fiéis & Madeira 2012). Os verbos utilizados incluíram subida obrigatória, opcional e desfavorável.

Os resultados mostraram que os atratores de próclise no domínio matriz favoreceram a subida de clítico no caso dos falantes nativos. As autoras salientam o facto de haver apenas juízos categóricos nos contextos de subida obrigatória por parte dos falantes nativos, dado que alguns falantes (33.8%) aceitaram subida com os verbos *decidir* e *concordar*, verbos que, à partida, não permitiriam subida. Estes resultados levaram as autoras a considerar estes verbos como verbos que desfavorecem a subida, mas que não a impossibilitam.

No que diz respeito aos falantes com português L2, todos os grupos mostraram uma maior taxa de aceitação de subida em contextos com atratores de próclise, tendo os quatro grupos testados mostrado desempenhos semelhantes, independentemente da sua L1 ou nível de proficiência. Para além disso, mostraram baixas taxas de aceitabilidade de frases com um clítico em posição não adjacente ao verbo ou como complemento de uma preposição. Nenhum dos grupos testados mostrou ter adquirido as condições que governam a próclise e a ênclise, apesar de terem mostrado ter consciência acerca da negação enquanto elemento proclisador. As autoras salientam que é possível que a proficiência e a L1 do falante tenham efeitos no desenvolvimento da subida de clítico nos contextos em análise. Finalmente, os resultados confirmaram a predição de que a subida de clítico surge cedo, independentemente da L1 do falante, o que, de acordo com as autoras, corrobora a posição teórica de que uma estrutura funcional plena está disponível desde as primeiras fases de aquisição.

Ao contrário do que se verificou neste estudo, em que a L1 não pareceu exercer influência, num estudo conduzido por Montrul, Dias & Santos (2009) a preferência pela subida de clítico por parte de falantes espanhóis e ingleses a aprender PB pareceu refletir a influência da L1 (no caso dos falantes espanhóis) e da L2 (no caso dos falantes ingleses, para quem o PB era a L3, tendo estes espanhol ou italiano como L2). Por outro lado, um estudo com falantes de italiano, cuja L1 era também o espanhol ou o inglês revelou que, contrariamente ao que aconteceu com os falantes nativos, estes preferiram a não subida com verbos de subida opcional (Bennati, 2007:17).

Pérez-Leroux, Cuza & Thomas (2011) estudaram o fenómeno da transferência em crianças bilingues falantes de espanhol/inglês através de um teste de repetição em



contextos de reestruturação. Os autores começam por recorrer a estudos anteriores, que relacionam a opcionalidade da subida de clítico com a frequência dos verbos da oração matriz. Remetem também para Davies (1992) *apud* Pérez-Leroux, Cuza & Thomas (2011), cujo estudo demonstrou que a subida de clítico é mais comum em registos orais em espanhol do que em registos escritos.

O propósito do estudo foi o de investigar se haveria interação entre uma língua de subida de clítico e uma sem esta construção, ou seja, pretendeu-se apurar se o fenómeno da transferência poderia afetar a produção de subida de clítico.<sup>19</sup> Para tal, vinte e três crianças bilingues falantes de espanhol/inglês foram testadas. Os resultados do estudo demonstraram que a preferência pela subida de clítico foi bastante reduzida com os falantes bilingues testados, o que, na opinião dos autores, se pode explicar através do fenómeno da transferência. Uma vez que os falantes bilingues têm acesso a uma língua de não reestruturação, a taxa de produção de subida de clítico será mais baixa.

Cabe destacar, igualmente, o trabalho conduzido por Hamann & Belletti (2006), o qual se debruçou essencialmente sobre os padrões de desenvolvimento na aquisição de pronomes clíticos complementos. O trabalho considerou dados de francês e italiano.

No que refere ao contexto da reestruturação, as autoras encontraram erros de colocação de clíticos com modais em produções adultas de L2, uma vez que em vez de usarem a ordem do francês ‘Modal Cl Infinitivo’, os falantes usaram a ordem ‘Cl Modal Infinitivo’. Tal erro foi também encontrado em produções infantis por crianças bilingues, mas o cenário não é uniforme, visto que as crianças Ivar e Caroline, falantes bilingues de alemão e francês, não cometeram este erro, ao passo que Anouk, falante bilingue de holandês e francês, cometeu-o por diversas vezes. Lorenzo, falante bilingue de italiano e francês, mostrou colocar sempre corretamente o clítico complemento, mesmo em contextos de reestruturação.

As autoras notam que o erro da reestruturação foi encontrado em L2 com adultos, tendo os falantes aceitado estruturas agramaticais em francês, como por exemplo:

---

<sup>19</sup> Os autores fazem referência a estudos anteriores que fornecem evidência para o efeito da transferência na produção de subida de clíticos. Veja-se, a este propósito, o trabalho de Duffield & White (1999) *apud* Pérez-Leroux, Cuza & Thomas (2011) que considera que a transferência pode explicar o facto de falantes ingleses e franceses com espanhol como L2 terem demonstrado dificuldade em aceitar a construção de subida de clítico. Veja-se, ainda, o estudo de Meijer and Fox Tree (2003), o qual evidenciou efeitos de processamento em produção bilingue em frases de subida de clítico.

\*Je te veux aider.

Eu te quero ajudar.

Dos falantes que aceitaram esta construção, alguns deles eram falantes de espanhol, pelo que se pode atribuir este fenómeno ao efeito de transferência. No entanto, também alguns falantes de inglês, alemão e chinês aceitaram a estrutura, apesar de a mesma não ser possível nas suas línguas de origem. As autoras explicam tal fenómeno postulando que a reestruturação é uma opção presente na GU, pelo que poderá ser usada a partir do momento em que o falante percebe que os pronomes na língua alvo não são do mesmo tipo dos da sua língua de origem, ainda que tal ordem não esteja nem no *input* nem na língua alvo.

Os estudos sobre a aquisição de subida de clítico em L1 permitem-nos chegar a várias conclusões. Enquanto o estudo de Eisenchlas (2003) conclui que a subida é a opção preferida pelas crianças, o trabalho de Rodríguez-Mondoñedo, Snyder & Sugisaki (2006) demonstra que a construção com subida de clítico está disponível desde cedo e que as crianças não passam por um período em que usam apenas a não subida. Quanto aos estudos de aquisição em L2, Fiéis, Madeira & Xavier (2013) concluem, também, que a construção com subida está disponível desde cedo independentemente da L1 do falante e que só há juízos categóricos por parte do grupo de controlo nos contextos de subida obrigatória. As autoras concluem, ainda, que há sensibilidade por parte dos falantes quanto à presença de um proclisador, uma vez que as taxas de subida foram mais elevadas neste contexto. Relativamente aos estudos de aquisição por bilingues, há que destacar a influência que o fenómeno da transferência exerce na aquisição deste fenómeno.

### 3. Estudo Experimental de produção induzida

#### 3.1. Hipóteses de investigação

De acordo com Fiéis, Madeira & Xavier (2013) a aquisição de estruturas de reestruturação implica diferentes tipos de conhecimento. Não só é necessário saber os verbos que permitem reestruturação e conhecer a configuração estrutural que lhes está associada (conhecimento lexical e sintático), como também é necessário desenvolver conhecimentos (sintáticos) acerca das propriedades dos clíticos enquanto elementos funcionais. Com base em dados de estudos anteriores e no que se observa na gramática adulta, formulo as seguintes hipóteses:

1. Com base no contraste que se faz registar entre os diversos contextos, nomeadamente entre o que faz uso do verbo auxiliar *ter*, no qual a subida de clítico é obrigatória, e aqueles nos quais a subida é opcional, prevê-se que haja cliticização categórica ao V auxiliar, se a criança souber que o clítico não pode cliticizar a um domínio participial (que é defetivo);
2. Uma vez que a negação é o elemento com o qual a próclise estabiliza mais cedo (Costa, Fiéis & Lobo 2015) e dado que a negação parece ser um elemento facilitador de subida (Fiéis & Madeira 2013), espera-se que as crianças tenham taxas superiores de subida de clítico neste contexto;
3. Se as crianças forem sensíveis às propriedades lexicais de diferentes verbos que permitem ou não a subida, espera-se que o tipo de verbo condicione a taxa de subida de clítico nos diferentes contextos;
4. Havendo, geralmente, um desenvolvimento gradual do conhecimento lexical, espera-se encontrar efeitos de desenvolvimento (as crianças mais velhas terão resultados mais próximos dos dos adultos);
5. Com base nos dados acerca dos complementos infinitivos preposicionados e no que se sabe acerca da preposição *de*, prevê-se que, nas construções encabeçadas por esta preposição, a taxa de subida de clítico seja mais baixa;
6. Se assumirmos a Hipótese de Complexidade Derivacional de Jakubowicz (2011) e a análise segundo a qual a reestruturação está associada a uma estrutura sintática mais defetiva do que a não reestruturação, prevê-se que as crianças em fases mais

- precoces mostrem preferência pela subida em oposição à não subida. Se assim for, poderão estar a preferir estruturas mais defetivas a estruturas mais complexas;
7. Com base na hipótese formulada por Wexler (1998), de acordo com a qual os parâmetros básicos são fixados corretamente a partir dos primeiros estádios observados, e na correlação entre o parâmetro do sujeito nulo e a possibilidade de subida de clítico, espera-se que, à semelhança do que acontece com o parâmetro do sujeito nulo, também a subida de clítico seja adquirida cedo;
  8. Se a reestruturação é uma opção presente na GU, como defendem Hamann & Belletti (2006), prevê-se que ela esteja disponível e que seja usada desde os primeiros estádios.

### **3.2. Metodologia**

Para estudar a aquisição de estruturas com subida de clítico, construiu-se um teste experimental de produção induzida. Este tipo de teste mostrou-se o mais adequado à tarefa em questão, uma vez que, tal como é defendido por Thornton (1996), a técnica de produção induzida permite ao experimentador aceder à gramática da criança ao fazê-la produzir uma determinada estrutura. Para além disto, o experimentador pode controlar o contexto e induzir estruturas sintáticas complexas que possam não ocorrer no dia-a-dia da criança. Desta forma, o acesso à gramática da criança é mais direto e evita-se que se subestime a competência linguística da criança.

#### **3.2.1. Participantes**

O teste foi aplicado a 84 crianças falantes nativas de PE sem diagnóstico conhecido de perturbações do desenvolvimento da linguagem. As crianças testadas frequentavam o Colégio *O Nosso Jardim* (Infantil e Escola Primária) e o Colégio *Valsassina* (Infantil) e tinham idades compreendidas entre os 5 e os 8 anos de idade, ou seja, algumas estavam em idade pré-escolar e outras em idade escolar. Apesar de 84 crianças terem sido testadas, uma vez que a taxa de outras respostas foi bastante elevada, só incluímos no estudo os testes cuja taxa de outras respostas foi inferior a 40%. Assim,

o estudo conta com 64 crianças, as quais foram divididas em 2 grupos, um de idade pré-escolar e outro de idade escolar. Adicionalmente, o teste foi aplicado a um grupo de controlo de 21 adultos, também eles falantes nativos de português europeu, o que perfaz um total de 85 participantes (ver Tabela 1).<sup>20</sup>

	Número	Intervalo de idades	Média de idades
Idade pré-escolar	33	5;2-6;2	5;9
Idade escolar	31	6;2-8;2	7;3
Adultos	21	20-57	29

**Tabela 1** - Caracterização dos participantes por grupo

Mais especificamente, conta-se com a seguinte distribuição de crianças pelas diferentes faixas etárias:

	Número	Intervalo de idades	Média de idades
5 anos (pré-escolar)	26	5;2-5;11	5;8
6 anos (pré-escolar)	7	6;1-6;2	6;1
6 anos (escolar)	8	6;2-6;10	6;6
7 anos (escolar)	18	7;0-7;9	7;5
8 anos (escolar)	5	8;0-8;2	8;1

**Tabela 2** - Caracterização dos participantes por faixa etária

### 3.2.2. Teste de produção induzida com estruturas de subida de clítico

De forma a minimizar ao máximo o recurso à omissão por parte das crianças, utilizei apenas o clítico *se* no teste, uma vez que estudos anteriores (cf. Costa & Lobo

---

<sup>20</sup> Foram pedidas autorizações (consentimento informado) aos pais de todas as crianças participantes no estudo.

2007, Carmona & Silva 2007, e Silva 2008) revelam que este é o clítico com menor taxa de omissão em PE, deixando também de ser omitido mais cedo.<sup>21</sup>

O teste manipulou várias variáveis, nomeadamente o tipo de verbo e a presença ou ausência de proclisador. Os verbos a que recorro são o verbo *ter* como auxiliar de particípio passado, com o qual a subida de clítico é obrigatória, os verbos *querer*, *conseguir* e *ir*, com os quais a subida de clítico é opcional e os verbos *decidir*, *gostar de* e *odiar*, os quais desfavorecem a subida.<sup>22</sup>

Uma vez que um dos verbos utilizados rege a preposição *de*, analiso de que forma é que a preposição pode ou não condicionar a subida de clítico. Quanto ao proclisador, utilizou-se apenas o contexto de negação, visto estudos anteriores (cf. Costa, Fiéis & Lobo 2015) concluírem que este é o contexto em que a próclise é adquirida mais cedo. Tal como mencionam os autores, a colocação de clíticos em contexto de próclise desenvolve-se a ritmos diferentes.

O teste de produção induzida era composto por 28 itens e 5 distratores. Sete verbos foram testados: *ter*, *querer*, *conseguir*, *ir*, *decidir*, *gostar de*, *odiar*. Para cada verbo testado foram utilizados 4 itens: 2 em contexto de ênclise e 2 em contexto de próclise:

- i) *Ter* em contexto de ênclise – 2 itens
- ii) *Ter* em contexto de próclise – 2 itens
- iii) *Querer* em contexto de ênclise – 2 itens
- iv) *Querer* em contexto de próclise – 2 itens
- v) *Conseguir* em contexto de ênclise – 2 itens
- vi) *Conseguir* em contexto de próclise – 2 itens
- vii) *Ir* em contexto de ênclise – 2 itens
- viii) *Ir* em contexto de próclise – 2 itens

---

<sup>21</sup> Fiéis & Madeira (2012) notam que, para alguns falantes, em contexto de subida de clítico, o tipo de clítico tem influência na aceitabilidade ou não da oração. Aqui não se manipulou a variável tipo de clítico, uma vez que diferentes clíticos (nomeadamente os de terceira pessoa acusativos e dativos) têm taxas de omissão consideráveis (Silva 2008).

<sup>22</sup> Gonçalves (2002) faz referência a vários verbos que não admitem a subida de clítico, nomeadamente o verbo *decidir*. Fiéis, Madeira & Xavier (2013), no entanto, referem-se ao verbo *decidir* como verbo que desfavorece a subida (não a impossibilita), uma vez que nos resultados do estudo os falantes nativos de PE mostraram ter aceiteado a subida com este verbo, apesar de preferirem a não subida. Fiéis & Madeira (2012) propõem uma gradação da aceitabilidade de construções com subida de clítico, nas quais nenhum verbo é considerado totalmente inaceitável com a subida. Barbosa & Raposo (2013:1967) referem que os dois verbos plenos sobre os quais existe maior consenso pelos falantes quanto à sua aceitabilidade relativamente ao seu comportamento como verbos de reestruturação são os verbos *querer* e *conseguir*. Relativamente aos restantes, há bastante variação, mencionam os autores.

- ix) *Decidir* em contexto de ênclise – 2 itens
- x) *Decidir* em contexto de próclise – 2 itens
- xi) *Gostar de* em contexto de ênclise – 2 itens
- xii) *Gostar de* em contexto de próclise – 2 itens
- xiii) *Odiar* em contexto de ênclise – 2 itens
- xiv) *Odiar* em contexto de próclise – 2 itens

A ordem de apresentação dos itens foi aleatorizada.

Foram mostradas imagens à criança e apresentada a situação. A tarefa da criança passava essencialmente por responder com frases completas à questão que era depois colocada pela investigadora. De forma a evitar que a criança usasse respostas curtas, a investigadora dava o início da resposta, a qual a criança deveria completar.

Vejamos, agora, alguns exemplos de itens testados.

Exemplo de item com verbo *ir* em contexto de ênclise:



**Figura 1** - A Mariana está toda suja e tem uma toalha na mão. O que é que a Mariana vai fazer com a toalha? A Mariana...

Resposta esperada: vai-se pentear/vai pentear-se.

Exemplo de item com verbo *decidir* em contexto de próclise:



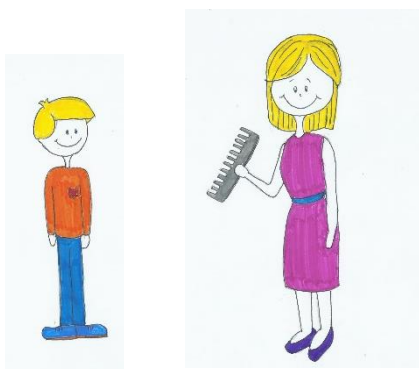
**Figura 1** - Estas meninas estão todas sujas. A mãe deu uma toalha a cada uma.



**Figura 2** - Olha, estas duas meninas agora já estão limpas. Mas esta continua suja. O que é que ela não decidiu fazer? Ela...

Resposta esperada: não decidiu limpar-se.

Exemplo de item com o verbo *ter* em contexto de ênclise:



**Figura 1** - A mãe foi ter com o Manuel para lhe dar o pente, mas ele estava penteado. O que é que o Manuel tinha feito antes de a mãe chegar? O Manuel...

Resposta esperada – tinha-se penteado.

### 3.3. Resultados

Nesta secção apresento e discuto os resultados do teste de produção induzida, relacionando-os com o que nos diz a literatura sobre o fenómeno.

Uma vez que os estudos nos mostram que há sobregeneralização de ênclise por parte das crianças e que o uso de próclise em contexto de ênclise é muito residual, em



contextos em que o clítico se encontra entre o verbo matriz e o verbo da oração encaixada, considerou-se que o mesmo pertencia à oração matriz. Houve casos em que a criança fez uma pausa entre o verbo da oração matriz e o clítico, tendo sido considerado, nessas situações, que o clítico pertencia ao domínio encaixado.

Esta secção está dividida em três subsecções. Na primeira subsecção são analisados os resultados globais, na segunda são apresentados os resultados considerando a variável presença/ausência de proclisador e na terceira secção são apresentados os resultados por tipo de verbo.

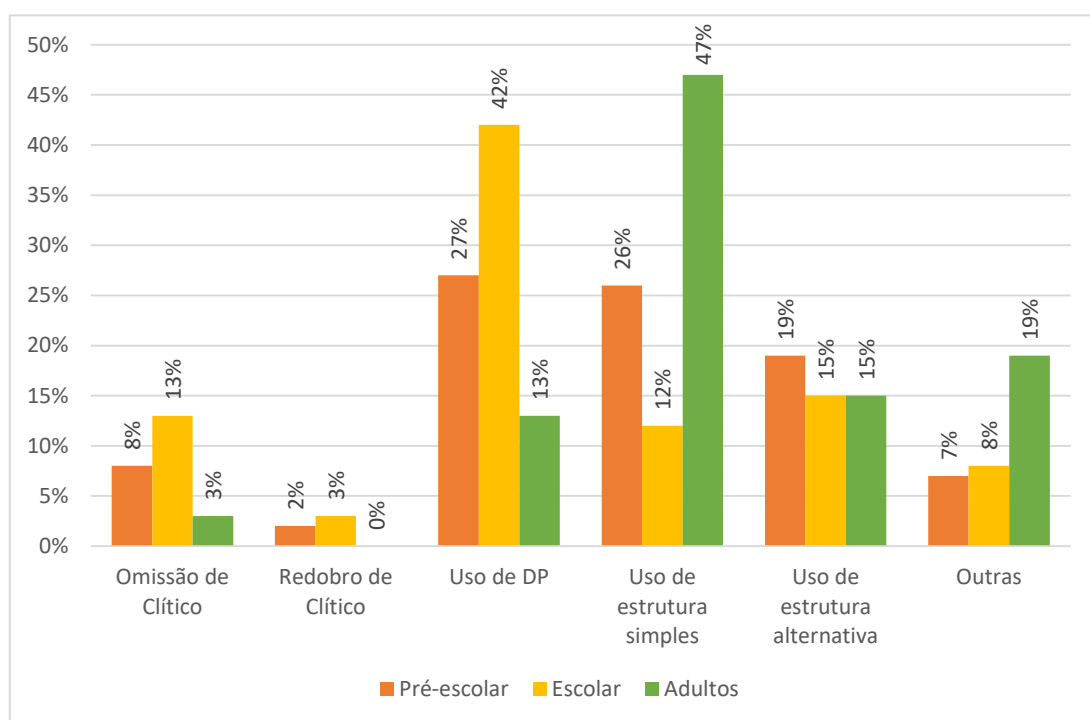
Os resultados estão codificados por subida, não subida e outras respostas. As outras respostas foram, no entanto, apenas consideradas nos resultados globais do gráfico 2, contemplando os restantes gráficos e tabelas apenas os resultados de subida e não subida. Houve vários tipos de outras respostas, pelo que se dividiu esta categoria em:

- i) Omissão de clítico (“quer pentear”)
- ii) Redobro de clítico (“decidiu-se sentar-se”)
- iii) Uso de DP (“não odeia pentear o cabelo”)
- iv) Uso de estrutura simples (“sentou-se” em vez de “decidiu sentar-se”)
- v) Uso de estrutura alternativa (“não consegue tomar banho” em vez de “não consegue lavar-se”)
- vi) Uso de outro verbo – com subida (“não quis-se levantar” em vez de “não decidiu levantar-se”)
- vii) Uso de outro verbo – sem subida (“quer esconder-se” em vez de “decidiu esconder-se”)
- viii) Uso de outro verbo – com redobro (“não gosta-se de se pentear” em vez de “odeia pentear-se”)
- ix) Uso de estrutura mais complexa (“decidiu-se ir sentar” em vez de “decidiu sentar-se”)
- x) Uso de estrutura agramatical com ‘fazer’ (“não tinha feito pentear-se/não tinha feito-se penteado” em vez de “não se tinha penteado”)
- xi) Uso de proclisador – com subida (“já se tinha penteado” em vez de “tinha-se penteado”)
- xii) Uso de outro clítico – sem subida (“vai limpá-la” em vez de “vai limpar-se”)

- xiii) Uso de estrutura agramatical (“não se tinha tomado banho” em vez de “não se tinha lavado/não tinha tomado banho”)
- xiv) Alteração da estrutura (“decidiu não se levantar” em vez de “não decidiu levantar-se”)

Atente-se para a distribuição de outras respostas para o grupo infantil:

**Gráfico 1** – Percentagem de outras respostas para os grupos pré-escolar, escolar e de controlo – dividido por tipologia de respostas



O grupo pré-escolar obteve uma percentagem de 24% de outras respostas, enquanto o grupo escolar obteve uma de 21%. Já no grupo de controlo a percentagem de outras respostas é de 13%.

Quanto à tipologia de outras respostas, no grupo pré-escolar as crianças usaram muitas vezes DP em vez do clítico, assim como também substituíram estruturas complexas por estruturas simples com apenas um verbo.<sup>23</sup> Houve, ainda, uma taxa

<sup>23</sup> Verifica-se que, em todos os grupos, a preferência pelo uso de estruturas simples em oposição às estruturas complexas ocorre com os verbos *ter* e *decidir*.

elevada no uso de estruturas alternativas àquela que se pretendia induzir, as quais não faziam uso de clíticos.

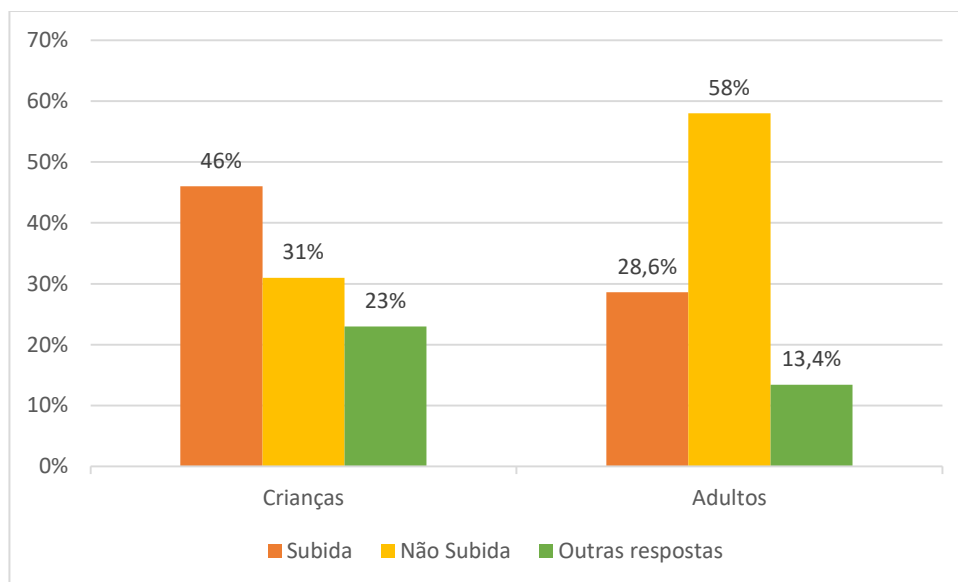
No grupo escolar, a percentagem de omissão de clítico foi de 13%, a qual foi mais elevada do que no grupo pré-escolar. No grupo escolar verificou-se, ainda, uma percentagem bastante elevada no uso de DP em alternativa ao uso do clítico.

No caso do grupo de controlo, da taxa de outras respostas 47% corresponderam ao uso de estruturas simples com apenas um verbo e 19% (no gráfico codificado por *Outras*) à alteração da estrutura, na qual os adultos colocaram a negação no domínio debaixo e não no de cima.<sup>24</sup>

### 3.3.1. Resultados globais por grupo

O gráfico que se segue apresenta os resultados globais do grupo infantil e do grupo de controlo e codifica as categorias subida de clítico, não subida de clítico e outras respostas.

**Gráfico 2** - Resultados globais de subida de clítico, não subida e outras respostas



<sup>24</sup> Com o verbo *decidir*, no grupo de controlo, encontra-se, com alguma frequência, a colocação da negação no domínio encaixado. Em vez de “não decidiu limpar-se”, os adultos muitas vezes utilizaram “decidiu não limpar-se”.

Os resultados do gráfico acima mostram uma preferência geral pela subida de clítico em oposição à não subida na produção infantil. A subida de clítico obteve uma percentagem de 46%, a não subida uma percentagem de 31% e as outras respostas correspondem a uma percentagem de 23%. Quanto aos resultados do grupo de controlo, o cenário é bastante diferente. Há uma preferência clara pela não subida, cuja percentagem é praticamente o dobro da de subida.

Quanto à percentagem de outras respostas no grupo infantil, é importante notar que os itens com verbos de subida desfavorável (*decidir*, *gostar de* e *odiar*) correspondem a 61% das outras respostas, o que pode resultar numa amostra pouco simétrica, uma vez que os verbos de subida só obtiveram 15% de outras respostas, correspondendo o verbo de subida obrigatória *ter* a 24% da taxa de outras respostas.

No grupo de controlo a tendência é semelhante, dado que os verbos de subida desfavorável obtiveram uma percentagem de 44% de outras respostas e o verbo *ter* resultou numa taxa de outras respostas de 38%, correspondendo os verbos de subida a apenas 18% de outras respostas.

Esta tendência parece relacionada com o facto de os verbos de subida desfavorável serem mais difíceis de induzir e menos frequentes do que os verbos de subida opcional. As estruturas com o verbo *decidir*, por exemplo, foram frequentemente substituídas por estruturas simples com apenas um verbo, tanto no grupo infantil como no grupo de controlo. Veja-se o seguinte exemplo:

Item 3: O menino estava muito cansado porque andou muito. Encontrou uma cadeira. O que é que o menino decidiu fazer? O menino...

Resposta: sentou-se.

Atente-se, ainda, para a complexidade em induzir a negativa do verbo *decidir*. Quanto aos outros verbos, *odiar* foi várias vezes substituído por *gostar de* ou *adorar*, por exemplo. No entanto, escolhi estes verbos por serem dos que mais dificilmente aceitam subida de clítico e dos que mais facilmente podem ser produzidos pelas crianças.

Quanto ao verbo *ter*, a tendência geral, tanto por parte das crianças como dos adultos, foi a de substituir a estrutura complexa pela simples, utilizando Pretérito Perfeito Simples em vez de Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto. Veja-se o seguinte exemplo:

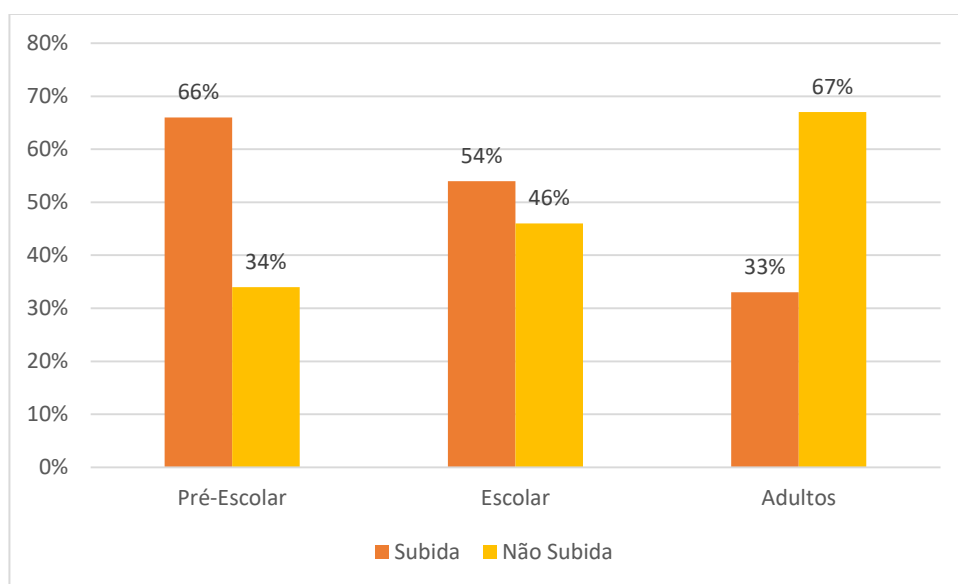
Item 16: A mãe foi ter com o Manuel para lhe dar o pente, mas ele estava penteado. O que é que o Manuel tinha feito antes de a mãe chegar? O Manuel...

Resposta: penteou-se.

Daqui para a frente não serão consideradas as outras respostas. Em vez disso, será apenas calculada a proporção de subida vs. não subida nos restantes dados. No caso dos resultados globais das crianças, caso não consideremos as outras respostas, a percentagem de subida de clítico é de 60%, enquanto a de não subida é de 40%, contando a subida com 828 ocorrências e a não subida com 559. No grupo de controlo a subida corresponde a 33%, com 168 ocorrências e a não subida corresponde a 67%, com 341.

Veja-se agora, os resultados de subida e não subida nos grupos pré-escolar e escolar, assim como os resultados dos adultos:

**Gráfico 3** – Percentagem de subida e não subida de clítico pelos grupos pré-escolar e escolar e grupo de controlo



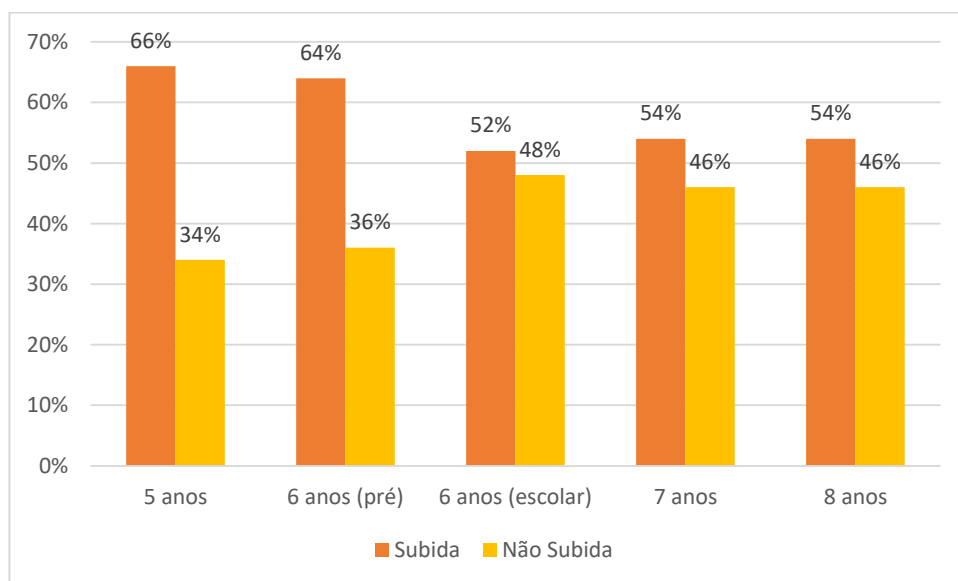
O gráfico 3 mostra uma diminuição da subida de clítico na produção infantil no grupo escolar em relação à produção infantil no grupo pré-escolar e um consequente aumento na produção de não subida. Enquanto no grupo pré-escolar a preferência pela subida corresponde a quase o dobro da preferência pela não subida, no grupo escolar os resultados mostram-se bastante mais equilibrados.

A diferença de resultados entre o grupo pré-escolar e o grupo escolar não estará apenas associada à diferença de idades, mas também ao fator escolarização. A influência do fator escolarização mostra-se ainda mais evidente no gráfico seguinte com as diferentes faixas etárias.

Analise-se, primeiro, no entanto, os resultados dos adultos. Os resultados do grupo de controlo são bastante diferentes dos das crianças no geral. Enquanto em ambos os grupos de produção infantil há preferência pela subida, ainda que no grupo pré-escolar essa preferência seja bastante mais acentuada, no grupo de controlo há uma preferência considerável pela não subida.

Concentremo-nos, pois, nas percentagens de subida e não subida de clítico das diferentes faixas etárias testadas. Apesar de o número de crianças testadas não ser o mesmo para todas as faixas etárias, os dados permitem-nos perceber qual será a tendência em cada grupo.

**Gráfico 4** – Percentagem de subida e não subida de clítico pelas diferentes faixas etárias



O gráfico 4 apresenta as taxas de subida e não subida de clítico pelas diferentes faixas etárias. Em ambas as faixas etárias do pré-escolar há uma preferência pela subida muito maior do que nas diferentes faixas etárias do grupo de crianças em idade escolar.

Estes dados indicam que a preferência pela subida se faz notar mais nos grupos mais novos, pelo que crianças mais novas tendem a recorrer mais à subida do que crianças

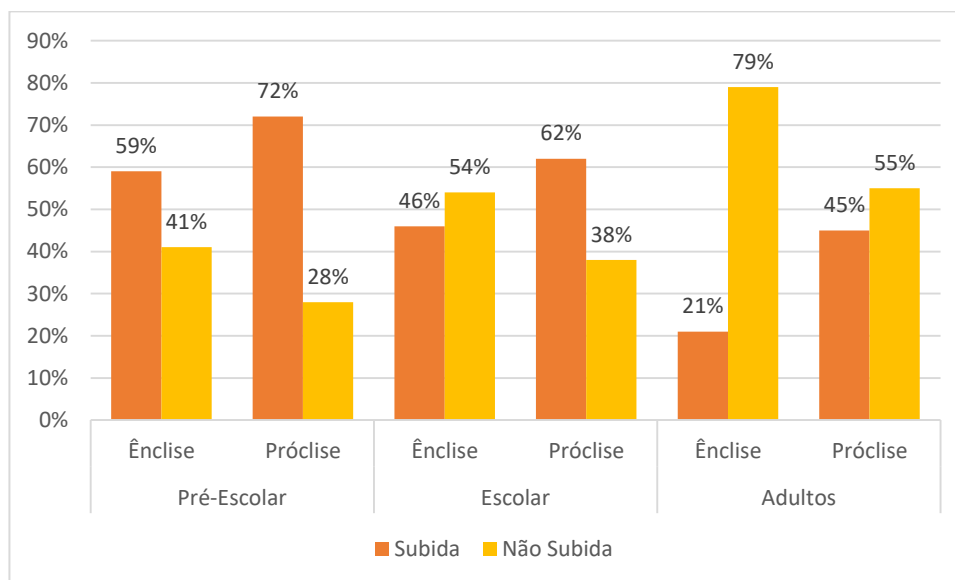
mais velhas. Estarão, assim, a preferir estruturas mais defetivas, como prediz a Hipótese de Complexidade Derivacional de Jakubowicz (2011). Para além do fator idade, saliente-se o fator escolarização, como já mencionado acima. Ainda que dentro da mesma faixa etária, o grupo pré-escolar de seis anos tem uma percentagem de subida de clítico superior à percentagem do grupo escolar de seis anos. Essa diferença é um tanto acentuada, correspondendo a 12%. Podemos concluir, pois, que o fator escolarização a par com o fator idade exerce influência no recurso à subida de clítico.

### 3.3.2. Resultados considerando a variável presença/ausência de proclisador

Nesta subsecção, será considerada a variável presença/ausência de proclisador.

Abaixo são apresentadas as taxas de subida em contextos de ênclise e próclise nos grupos pré-escolar e escolar e no grupo de controlo:

**Gráfico 5** – Percentagem de subida e não subida em contexto de ênclise e próclise nos grupos pré-escolar, escolar e de controlo



Através da análise do gráfico acima, várias são as conclusões a que podemos chegar. Mais uma vez, não há convergência entre os resultados das crianças e dos adultos, uma vez que a percentagem de não subida no grupo dos adultos é sempre superior à de subida. No entanto, e ainda que a percentagem de não subida seja invariavelmente

superior, no contexto de próclise os resultados são mais equilibrados no grupo dos adultos, o que nos indica que a presença do proclisador facilita a subida, tal como se previa.

Também no grupo das crianças, quer no pré-escolar quer no escolar, a percentagem de subida em contexto de próclise é superior à de subida em contexto de ênclise. No entanto, é no grupo pré-escolar que essa percentagem é mais elevada, correspondendo a 72%. Assim, mais uma vez, observa-se uma redução na taxa de produção de subida de clítico do grupo pré-escolar para o escolar.

Em contextos de ênclise, a subida continua a ser superior no grupo pré-escolar. Por outro lado, no grupo escolar os resultados diferem, havendo, em vez disso, preferência pela não subida, ainda que não muito acentuada. No entanto, a subida mostrou ser, de modo geral, a opção preferida pelas crianças.

Tome-se, ainda, em consideração a percentagem de subida nos contextos de ênclise e próclise para as diferentes faixas etárias. No grupo dos 5 anos, a taxa de subida em contexto de ênclise é de 60%, enquanto a taxa em contexto de próclise corresponde a 72%. No grupo pré-escolar dos 6 anos, a subida em contexto de ênclise corresponde a 54% e em contexto de próclise a mesma corresponde a 73%. Já no grupo escolar dos 6 anos, há 45% de subida em contexto de ênclise e 60% em contexto de próclise. No grupo dos 7 anos, em contexto de ênclise, a subida é de 48% e em contexto de próclise ela é de 61%. Por fim, no grupo dos 8 anos, há 42% de subida em contexto de ênclise e 66% em contexto de próclise.

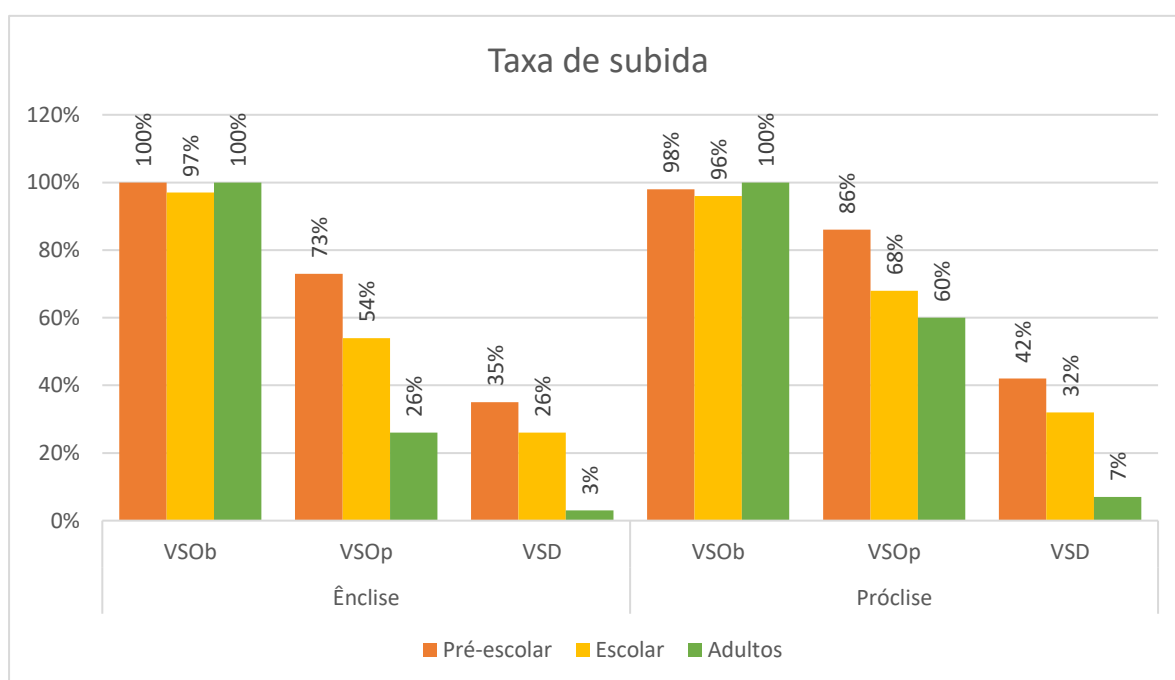
Estes resultados permitem chegar à conclusão de que, no grupo pré-escolar, a taxa de subida de clítico é sempre superior à de não subida quer em contexto de ênclise quer em contexto de próclise. Por outro lado, no grupo escolar, a percentagem de subida só é superior em contexto de próclise. As percentagens de subida em contexto de próclise são superiores às que em contexto de ênclise em todos os grupos, pelo que tanto as crianças como os adultos se mostram sensíveis à presença do proclisador enquanto elemento favorecedor de subida.



### 3.3.3. Resultados por tipo de verbo

Uma vez que o teste inclui vários tipos de verbos, com os quais a subida pode ser obrigatória, opcional ou desfavorável, torna-se relevante analisar os resultados de subida e não subida para cada tipo de verbo, a fim de averiguar se as crianças possuem conhecimento lexical acerca dos verbos que permitem reestruturação.

**Gráfico 6** – Percentagem de subida de clítico para cada tipo de verbo pelos grupos pré-escolar, escolar e de controlo



O gráfico 6 está codificado com as etiquetas VSOB, VSOOp e VSD, que correspondem a Verbo de Subida Obrigatória (*ter*), Verbos de Subida Opcional (*querer*, *ir*, *conseguir*) e Verbos de Subida Desfavorável (*decidir*, *odiar*, *gostar de*), respetivamente.

Estão apenas contempladas as percentagens de subida de clítico nos diversos contextos. No que diz respeito ao contexto de subida obrigatória, o grupo de controlo teve uma percentagem de 100% quer em ênclise quer em próclise, tal como era esperado. Quanto ao grupo pré-escolar, há 100% de subida em contexto de ênclise, mas apenas 98%

em contexto de próclise, devido à ocorrência de não subida por parte de uma criança.<sup>25</sup> O grupo escolar, no entanto, tem uma percentagem de 97% em contexto de ênclise e 96% em contexto de próclise, uma vez que duas crianças usaram não subida neste contexto.<sup>26</sup> Considero, no entanto, que há convergência entre a gramática infantil e a gramática do adulto em contexto de subida obrigatória, uma vez que os casos de não subida foram muito residuais.

Nos contextos com verbos de subida opcional e verbos de subida desfavorável, tanto em contexto de ênclise como de próclise, a tendência é a progressiva diminuição no uso de subida de clítico de grupo para grupo. Quer isto dizer que o grupo pré-escolar tem uma percentagem mais elevada de subida de clítico do que o grupo escolar e que o grupo escolar tem uma percentagem mais elevada do que o grupo de controlo.

As diferenças nas taxas de subida das crianças e dos adultos são maiores no contexto de ênclise, uma vez que de 73% de subida por parte do grupo pré-escolar se passa para 26% de subida por parte do grupo de controlo. Em contexto de próclise não houve um salto tão grande, visto que o grupo pré-escolar produziu 86% de subida e o grupo de controlo 60%.

As ocorrências de subida de clítico com verbos de subida desfavorável são muito residuais no grupo de controlo, contrariamente ao que se verifica nos grupos pré-escolar e escolar, os quais produziram subida de clítico com este tipo de verbos. No entanto, é no grupo pré-escolar que a taxa de subida é mais elevada, tendo chegado a 42% em contexto de ênclise. Os adultos têm taxas baixas, tal como se previa, mas não nulas. Ainda assim, as taxas de subida com verbos desfavoráveis são consideravelmente mais baixas do que as taxas de subida com verbos de subida opcional, correspondendo a pouco menos de metade. Logo, todos os grupos foram sensíveis a questões lexicais, distinguindo verbos que permitem subida daquelas que a desfavorecem, apesar de esse conhecimento ser adquirido progressivamente.

---

<sup>25</sup> Atente-se para o facto de a criança ter produzido “não tinha se lavado”. Devido à pausa entre “tinha” e “se”, o clítico foi considerado como pertencendo ao domínio encaixado.

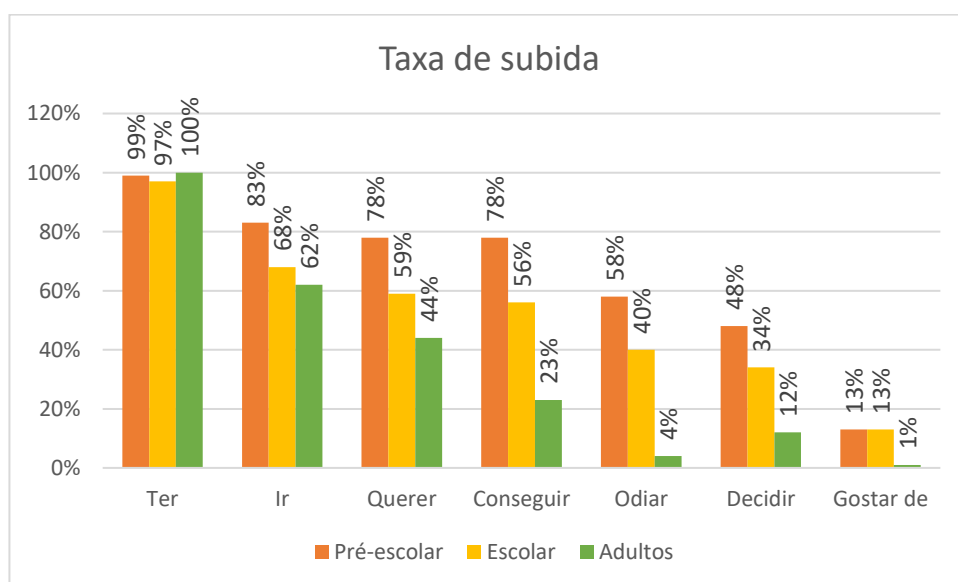
<sup>26</sup> Aos itens de contexto de próclise “A mãe trouxe roupa lavada ao Pedro para ele vestir. Mas o Pedro não estava lavado. O que é que o Pedro não tinha feito? O Pedro...” e “A avó trouxe um gancho à Maria. Mas a Maria não estava penteada. O que é que a Maria não tinha feito? A Maria...” uma das crianças, de seis anos, respondeu “não tinha lavado-se” e “não tinha penteado-se”, respetivamente. Ao item de ênclise “A mãe foi ter com o Manuel para lhe dar o pente, mas ele estava penteado. O que é que o Manuel tinha feito antes de a mãe chegar? O Manuel...” uma outra criança, de oito anos, respondeu “tinha penteado-se”.

É possível verificar que todos os grupos foram sensíveis à presença do proclisador, uma vez que as taxas de produção de subida de clítico em contexto de próclise são sempre superiores às de produção em contexto de ênclise tanto com verbos de subida opcional, como com verbos de subida desfavorável. No entanto, é com os verbos de subida opcional que essa diferença é maior. Veja-se que no grupo pré-escolar a subida passa de 73% em contexto de ênclise para 86% em contexto de próclise, no grupo escolar passa de 54% para 68% e no grupo de controlo passa de 26% para 60%, sendo este último caso aquele em que a diferença se faz mais notar.

Conclui-se, pois, que, à semelhança do que se previa, o uso do proclisador parece facilitar a subida e que as crianças possuem conhecimento lexical acerca dos verbos que permitem a subida, ainda que esse conhecimento não tenha ainda estabilizado.

O gráfico seguinte apresenta as percentagens de subida de clítico para cada verbo por todos os grupos. Tal como o gráfico anterior, também este considera apenas as percentagens de subida de clítico, correspondendo a não subida à percentagem restante.

**Gráfico 7** – Percentagem de subida de clítico para cada verbo pelos grupos pré-escolar, escolar e de controlo



Neste gráfico apresentam-se as taxas de subida de clítico para cada verbo produzidas pelos três grupos. Acerca do verbo *ter* já foram tecidos comentários. Relativamente aos verbos de subida opcional, os verbos *ir*, *querer* e *conseguir*, veja-se

que o que tem uma percentagem de subida mais elevada é o verbo *ir*, seguindo-se o verbo *querer* e só depois o *conseguir*. Os resultados dos três grupos são homogêneos a este respeito. Há um decréscimo em todos os grupos na taxa de subida dos verbos de subida opcional à medida que se passa do verbo *ir* para o verbo *querer* e deste para o verbo *conseguir*. A única exceção é na taxa dos verbos *querer* e *conseguir* do grupo pré-escolar, uma vez que a percentagem é de 78% para ambos.

Ao analisar os resultados dos verbos de subida desfavorável, conclui-se que aquele que apresenta maior taxa de subida para as crianças é o verbo *odiar*, estando o verbo *decidir* em segundo lugar. Note-se que o grupo pré-escolar recorre muito à subida de clítico mesmo com verbos de subida desfavorável, como se pode comprovar pela percentagem de 58% com o verbo *odiar* e de 48% com o verbo *decidir*. As percentagens para o grupo escolar correspondem a 40% e 34%, respetivamente, as quais são altas em comparação com os resultados do grupo de controlo, mas inferiores às de não subida. O grupo de controlo apresenta uma taxa de subida mais elevada com o verbo *decidir* do que com o verbo *odiar*, correspondendo a percentagem do primeiro ao triplo da do segundo.

O verbo *gostar de* foi o que registou a percentagem de subida de clítico mais baixa por todos os grupos. Os resultados parecem comprovar o que nos diz a literatura acerca da preposição *de* como inibidora de subida de clítico, uma vez que há uma redução substancial na taxa de subida em comparação com os outros verbos de subida desfavorável. Assim, e apesar de as percentagens não serem nulas, as crianças mostram ser sensíveis à presença da preposição *de* como inibidora da subida. No entanto, essa percentagem é superior em contexto de próclise comparativamente ao contexto de ênclise nos três grupos, como se pode verificar na tabela abaixo. Tal poderá ser associado à observação de Duarte (2003:8598-859), segundo a qual a preposição *de* permite subida de clítico em contexto de próclise, mas não em contexto de ênclise.

A tabela que se segue mostra as percentagens de subida de clítico para cada verbo por cada grupo em contexto de ênclise e de próclise. Note-se que estão apenas contempladas as percentagens de subida para cada contexto, pelo que as percentagens de não subida corresponderão ao restante valor que faz o total.

	<b>Grupo Pré-escolar</b>	<b>Grupo Escolar</b>	<b>Grupo de Controlo</b>
<i>Ter</i>	<b>Ênclise:</b> 100% <b>Próclise:</b> 98%	<b>Ênclise:</b> 97% <b>Próclise:</b> 96%	<b>Ênclise:</b> 100% <b>Próclise:</b> 100%
<i>Ir</i>	<b>Ênclise:</b> 70% <b>Próclise:</b> 95%	<b>Ênclise:</b> 49% <b>Próclise:</b> 85%	<b>Ênclise:</b> 29% <b>Próclise:</b> 93%
<i>Querer</i>	<b>Ênclise:</b> 76% <b>Próclise:</b> 81%	<b>Ênclise:</b> 61% <b>Próclise:</b> 57%	<b>Ênclise:</b> 30% <b>Próclise:</b> 57%
<i>Conseguir</i>	<b>Ênclise:</b> 75% <b>Próclise:</b> 81%	<b>Ênclise:</b> 52% <b>Próclise:</b> 60%	<b>Ênclise:</b> 18% <b>Próclise:</b> 28%
<i>Odiar</i>	<b>Ênclise:</b> 65% <b>Próclise:</b> 45%	<b>Ênclise:</b> 42% <b>Próclise:</b> 36%	<b>Ênclise:</b> 5% <b>Próclise:</b> 3%
<i>Decidir</i>	<b>Ênclise:</b> 29% <b>Próclise:</b> 62%	<b>Ênclise:</b> 29% <b>Próclise:</b> 40%	<b>Ênclise:</b> 6% <b>Próclise:</b> 20%
<i>Gostar de</i>	<b>Ênclise:</b> 11% <b>Próclise:</b> 16%	<b>Ênclise:</b> 11% <b>Próclise:</b> 18%	<b>Ênclise:</b> 0% <b>Próclise:</b> 3%

**Tabela 3** – Percentagem de subida de clítico para cada verbo em contexto de ênclise e próclise pelos grupos pré-escolar, escolar e de controlo

Há, de um modo geral, taxas de subida de clítico mais elevadas em contexto de próclise do que em contexto de ênclise. No entanto, há alguns casos em que tal não acontece. Veja-se, por exemplo, o verbo *odiar*, que registou maior percentagem de subida em contexto de ênclise em todos os grupos.

Em anexo encontram-se as tabelas com os resultados individuais dos grupos pré-escolar, escolar e de controlo para os verbos de subida obrigatória e desfavorável. Há alguma variação dentro de cada grupo, como se pode ver, mas também há um padrão consistente. Verifica-se, por exemplo, que os verbos mais difíceis foram *decidir* e *odiar* e que os resultados de *ter* são categóricos.

Os resultados individuais dos grupos pré-escolar, escolar e de controlo para os verbos de subida opcional encontram-se, também, nas tabelas em anexo. Observa-se, desde logo, uma diferença entre os grupos pré-escolar e escolar no que preferência pela subida diz respeito, registando o primeiro grupo mais ocorrências de subida. A preferência pela subida é, pois, mais acentuada no primeiro grupo. No grupo escolar, apesar de haver muitas ocorrências com subida, os resultados são mais equilibrados. À exceção de algumas crianças que recorrem muito à subida, a maioria das crianças tem resultados equilibrados entre subida e não subida.

### **3.4. Discussão**

Através dos resultados do teste podemos chegar a várias conclusões e confirmar algumas das hipóteses avançadas anteriormente.

A primeira hipótese colocada, que prediz que haja cliticização categórica ao V auxiliar, é confirmada, uma vez que, em todos os grupos, e à exceção de uns casos residuais, se verifica que a taxa de subida de clítico em contexto obrigatório é categórica e mais elevada do que aquela em que a subida é opcional.

A hipótese 2, que prevê que haja uma maior taxa de subida em contextos com proclisador foi, também, confirmada, dado que todos os grupos foram sensíveis à presença da negação, pelo que as taxas de subida de clítico em contexto de próclise foram, de modo geral, superiores às taxas de subida em contexto de ênclise. À exceção da taxa de subida em contexto obrigatório, na qual houve uns casos residuais de não subida, esta superioridade do contexto de próclise relativamente à subida de clítico verifica-se com todos os tipos de verbo e em todos os grupos. Confirma-se, pois, que a presença de um elemento proclisador favorece a subida de clítico.

Confirma-se a hipótese 3, de acordo com a qual se espera que haja conhecimento acerca das propriedades lexicais dos verbos, visto que se observa sensibilidade quanto aos verbos que permitem a subida e quanto aos que a desfavorecem. Os dados dos adultos foram bastante mais categóricos do que os das crianças. Apesar de haver casos de subida com verbos de subida desfavorável, neste grupo os valores são muito reduzidos.

Nos grupos pré-escolar e escolar os valores são mais elevados em comparação com o grupo de controlo, principalmente no grupo pré-escolar, em que a subida com verbos de subida desfavorável chega aos 35% em contexto de ênclise e aos 42% em contexto de próclise e, ainda, aos 58% com o verbo *odiar*. Apesar disso, observa-se que as crianças são sensíveis às propriedades lexicais dos diversos tipos de verbos, uma vez que as percentagens com verbos de subida desfavorável foram sempre inferiores àquelas que se encontrou com verbos de subida opcional. Quer isto dizer que o tipo de verbo condicionou a taxa de subida de clítico nos diversos contextos.

Cabe salientar que do grupo pré-escolar para o grupo escolar a subida neste contexto decresce, o que parece indicar que as crianças nestas faixas etárias ainda estão a adquirir conhecimento sobre os verbos que permitem ou não a subida, não estando esse conhecimento ainda estabilizado. Estes dados parecem apontar para o facto de que o conhecimento acerca dos verbos que permitem ou não a subida se desenvolve gradualmente e não está ainda estabilizado no 1º ciclo. Estes resultados confirmam a hipótese 4, a qual prevê que haja efeitos de desenvolvimento, razão pela qual as crianças mais velhas têm resultados mais próximos dos dos adultos.

No que diz respeito à hipótese 5, que prediz que a taxa de subida de clítico deverá ser mais baixa com complementos infinitivos preposicionados encabeçados por *de*, os resultados do teste confirmam esta mesma predição. De facto, o verbo *gostar de*, apesar de não ter tido uma taxa de subida de clítico nula por parte dos grupos pré-escolar e escolar, obteve uma taxa de subida bastante inferior comparativamente à taxa de subida com os outros verbos testados, mesmo quando comparada com a taxa de subida dos outros verbos de subida desfavorável. Estes resultados indicam que as crianças, tanto do grupo pré-escolar como escolar, têm conhecimento acerca da preposição *de* enquanto inibidora de subida de clítico.

O estudo demonstrou que as crianças mais novas preferiram a subida em oposição à não subida. Verificou-se uma tendência de decréscimo na preferência pela subida de clítico quando se passou do grupo pré-escolar para o escolar. Também em cada faixa etária se notou que, quanto mais novas as crianças, maior a preferência pela subida (à exceção dos resultados do grupo escolar de 6 anos, que obteve uma percentagem de subida de 52% enquanto os grupos de 7 e 8 anos obtiveram uma percentagem de 54%). Ao assumirmos que a reestruturação é um contexto mais defetivo, estamos a assumir que as crianças preferiram usar estruturas mais simples a estruturas mais complexas, como é

previsto pela Hipótese de Complexidade Derivacional de Jakubowicz (2011). Desta forma se confirma a hipótese 6, de acordo com a qual as crianças em fases mais precoces deverão preferir a subida em oposição à não subida, caso a reestruturação seja, efetivamente, um contexto mais defetivo.

Tendo em conta que das faixas etárias testadas a mais baixa correspondeu aos 5 anos de idade, é difícil chegar a uma conclusão acerca da precocidade do fenómeno em estudo. Assim, para poder investigar a disponibilidade da construção de subida de clítico em estádios precoces de desenvolvimento e confirmar as hipóteses 6 e 7, como complemento do teste de produção induzida, analisou-se um *corpus* de produção espontânea. Um segundo propósito da análise de produção espontânea relaciona-se com a produção de subida de clítico por adultos. Surgiu a necessidade de complementar os dados do grupo de controlo com dados de produção espontânea, visto que a taxa de subida de clítico neste grupo foi bastante mais reduzida do que aquilo de que se estava à espera. A justificação para esta taxa poderá estar associada ao facto de que a norma prefere a não subida, principalmente na escrita, pelo que os resultados do grupo de controlo podem ter sido condicionados por esse fator. Para além disso, os resultados neste grupo parecem ter sido mais condicionados pelo teste em si, dado que as respostas parecem ter sido mais refletidas por parte dos adultos, o que pode fazer com que haja diferenças relativamente ao que se verifica em produção espontânea.



## 4. Dados de produção espontânea

### 4.1. Metodologia

Como complemento do teste de produção induzida, analisou-se um *corpus* de produção espontânea que contempla dados de produção infantil e adulta. O *corpus* analisado foi o de Santos, o qual se encontra no CHILDES. Os ficheiros analisados foram os do Tomás, da InêsI e da Inês. Foram recolhidas as ocorrências com contexto de possível subida de clítico e depois procedeu-se à sua análise.

O *corpus* integra produções espontâneas de três crianças e dos adultos que com elas interagem. Desses dez adultos, fazem parte as investigadoras e as mães, pais ou outros familiares das crianças.

Com os dados de produção espontânea, todos os clíticos foram contemplados, pelo que os dados não são restritos apenas ao clítico *se*.

Os verbos que surgem em contexto de possível subida de clítico nas produções dos adultos são os seguintes:

*Andar; andar a; chegar a; começar a; conseguir; continuar a; costumar; dever; estar a; ir; parecer; poder; querer; saber; vir.*

Há, ainda, ocorrências de estruturas com seleção de complementos infinitivos com os verbos *ter*, *ter de/que*, *escusar de*, *acabar por* e *precisar de*. Apesar disso, dado que o verbo *ter* seguido de particípio passado é de subida obrigatória e os restantes são de subida desfavorável, os mesmos não foram analisados.<sup>27</sup> Os resultados são convergentes com o que se espera da gramática adulta relativamente a estes verbos, uma vez que com o verbo *ter*+particípio passado, com o qual há 18 ocorrências, a subida corresponde a 100% e com os verbos de subida desfavorável não há praticamente subida. Há 87 ocorrências com os verbos de subida desfavorável mencionados acima, das quais 86 ocorrem sem subida.

---

<sup>27</sup> Refiro-me apenas ao verbo *ter* seguido de particípio passado como verbo de subida obrigatória e não ao verbo *ter de/que*. Quanto às ocorrências com os verbos mencionados, observa-se uma ocorrência de subida de clítico com o verbo *ter de/que* em contexto de próclise na produção dos adultos: “não os tenho que aturar”. Importa salientar que o verbo *ter de* não permite subida em contexto de ênclise, mas permite-a em contexto de próclise. Tal como refere Duarte (2003:8598-859), a preposição *de* inibe a subida na afirmativa, mas não na negativa, pelo que a subida é permitida com a negação. Observa-se um claro contraste entre “não os tenho de aturar” e “??tenho-os de aturar”. É importante referir que há apenas dois contextos com proclisador, o contexto onde há subida e outro em que não há subida: “não precisa de se preocupar”. Verifica-se, pois, que há diferença entre os contextos de ênclise e próclise.

Regista-se apenas uma ocorrência de subida de clítico em contexto de próclise com o verbo *ter de/que*.

Em produção infantil o número de ocorrências de estruturas com possível subida de clítico é muito inferior e inclui apenas os seguintes verbos:

*Dever; estar a; ir, poder; querer.*

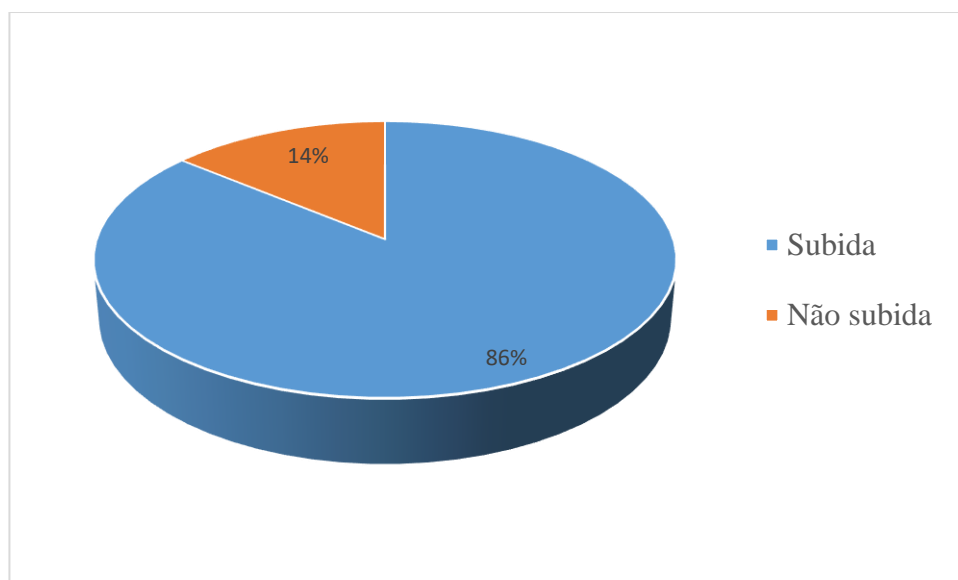
O verbo *ter de* surge numa ocorrência de produção infantil, na qual há subida de clítico, apesar de a presença da preposição *de* inibir a subida em contexto de ênclise:

“Tinha-me de cair.” (Tomas: 3-10-6)

#### 4.2. Análise dos dados de produção espontânea dos adultos

No *corpus* contam-se 460 ocorrências de subida de clítico nas produções dos adultos com os verbos de subida opcional referidos acima. No caso da não subida, registam-se 74 ocorrências. O seguinte gráfico apresenta as percentagens para a subida e não subida nos dados de produção espontânea dos adultos:

**Gráfico 8** – Percentagem de subida e não subida na produção espontânea dos adultos



Verifica-se que o número de ocorrências com subida de clítico é substancialmente superior ao de não subida. Enquanto a subida corresponde a uma percentagem de 86%, a não subida fica-se pelos 14%.

Veja-se, agora, a distribuição das ocorrências de subida e não subida distribuídas pelos diferentes verbos e a percentagem correspondente:

	Subida	Não Subida	Total		Subida	Não Subida	Total
<i>andar</i>	4	5	9	<i>Andar</i>	50%	50%	100%
<i>andar a</i>	4	0	4	<i>andar a</i>	100%	0%	100%
<i>chegar a</i>	1	0	1	<i>chegar a</i>	100%	0%	100%
<i>começar a</i>	5	2	7	<i>começar a</i>	71%	29%	100%
<i>conseguir</i>	11	3	14	<i>conseguir</i>	79%	21%	100%
<i>continuar a</i>	1	1	2	<i>continuar a</i>	50%	50%	100%
<i>costumar</i>	3	1	4	<i>costumar</i>	75%	25%	100%
<i>dever</i>	9	3	12	<i>Dever</i>	75%	25%	100%
<i>estar a</i>	200	17	217	<i>estar a</i>	92%	8%	100%
<i>ir</i>	153	27	180	<i>Ir</i>	85%	15%	100%
<i>parecer</i>	0	1	1	<i>parecer</i>	0%	100%	100%
<i>poder</i>	34	2	36	<i>Poder</i>	94%	6%	100%
<i>querer</i>	29	9	38	<i>querer</i>	78%	22%	100%
<i>saber</i>	2	1	3	<i>Saber</i>	67%	33%	100%
<i>vir</i>	4	2	6	<i>Vir</i>	67%	33%	100%
<b>Total</b>	460	74	534	<b>Total</b>	86%	14%	100%

**Tabela 4** – Distribuição de ocorrências e percentagem de subida e não subida de clítico na produção espontânea dos adultos pelos diversos verbos

Dos verbos registados, aqueles que ocorrem com mais frequência são os verbos *estar a* e *ir*. Com o verbo *estar a* observam-se 200 ocorrências de subida de clítico, as quais contrastam com as 17 ocorrências do mesmo verbo em contexto de não subida. Relativamente ao verbo *ir*, registam-se 153 casos em contexto de subida, enquanto a não

subida corresponde a apenas 27 ocorrências. Assim, a percentagem de subida com o verbo *estar a* é superior à do verbo *ir*, correspondendo a primeira a 92% e a segunda a 85%, como se pode ver na tabela.

Importa notar que o verbo que ocorre com mais frequência e que regista 200 ocorrências em contexto de subida de clítico é um verbo preposicionado. No entanto, ao contrário do que se verificou com a preposição *de* em *gostar de*, com *a* em *estar a*, a preposição admite a subida de clítico e a formação de predicado complexo. Há diferenças no estatuto das preposições, sendo que nesta construção, tal como observou Duarte (2003:8598-859), a formação de predicado complexo é possível com a preposição *a*, mas não com as preposições *de* e *por*.<sup>28</sup>

Apesar de haver menos ocorrências com o verbo *poder* do que com os verbos *estar a* e *ir*, a percentagem de subida com este verbo é a mais elevada, correspondendo a 94% do total de ocorrências, uma vez que de não subida verificam-se apenas 2 casos.

Nesta amostra incluem-se todos os clíticos encontrados com estruturas de possível subida de clítico. Importa agora analisar que clíticos fazem parte desta amostra e com que clíticos há mais ou menos subida. Dado que, para alguns falantes, o tipo de clítico tem influência na aceitabilidade da construção com subida de clítico, tal como é apontado por Fiéis & Madeira (2012), torna-se relevante analisar clítico a clítico.

A propósito do clítico *se*, contam-se 104 ocorrências, das quais 88 correspondem a ocorrências com subida de clítico e 16 a ocorrências sem subida. Observe-se agora a tabela que se segue com a distribuição de ocorrências de subida e não subida de clítico com os diversos clíticos:

---

<sup>28</sup> A autora refere que a preposição *de* admite a formação de predicado complexo marginalmente em contexto de ênclise e que permite subida de clítico em contexto de próclise. Note-se, também, que, há quem analise *a* como um morfema aspetual e não como uma verdadeira preposição. Barbosa & Cochofel (2005:397-398), por exemplo, consideram-na um núcleo aspetual. Segundo as autoras, o facto de a preposição *a*, em estruturas com infinitivo preposicionado, poder comutar com gerúndio é indício de que a mesma tem uma função aspetual. Veja-se, que, em estruturas com infinitivo não preposicionado, a interpretação aspetual é diferente, como se vê pelos seguintes exemplos apresentados pelas autoras:

a. #Vi o pássaro morrer, mas consegui salvá-lo.  
b. Vi o pássaro a morrer, mas consegui salvá-lo.

	Subida	Não subida
a/as	3	9
lhe/lhes	69	16
me	152	16
nos	1	0
o/os	6	1
se	88	16
te/to	140	15
vos	1	1
<b>Total</b>	460	74

**Tabela 5** – Distribuição de ocorrências de subida e não subida de clítico pelos diversos clíticos

O clítico com maior frequência de ocorrência no *corpus* em estruturas com possível subida de clítico é o clítico *me*, seguindo-se-lhe o clítico *te*. No caso de *me*, há 152 ocorrências com subida, em comparação com as 16 de não subida. Relativamente ao clítico *te*, compare-se as 140 ocorrências com subida com as 15 sem subida. Com ambos os clíticos a percentagem de subida é de 90%. O único clítico com o qual a percentagem de não subida foi superior à de subida foi *a/as*, uma vez que há 9 casos de não subida e apenas 3 de subida.

Registam-se 372 contextos de ênclise e 162 contextos de próclise. Em contexto de ênclise a subida corresponde a 81%, enquanto a não subida corresponde a 19%. Em contexto de próclise a subida corresponde a 98%, enquanto a não subida corresponde a 2%. Os resultados de produção espontânea e os de produção induzida são convergentes neste aspeto, uma vez que também aqui se verifica que a presença do proclisador favorece a subida. Apesar de a taxa de subida em contexto de ênclise ser já bastante elevada no *corpus* de produção espontânea, a taxa de subida em contexto de próclise continua a ser superior.

Como se previa, pode ter havido algum tipo de influência externa nos resultados do grupo de controlo na tarefa de produção induzida, dado que os resultados de produção

espontânea são bastante diferentes. Pelo que se pode verificar, na produção espontânea, a preferência pela subida de clítico é considerável, o que não acontece na produção induzida, em que os resultados mostram uma clara preferência pela não subida.<sup>29</sup> Tal como já sugerido, esta diferença pode dever-se a fatores externos como o condicionamento a que o teste sujeita, assim como a influência que a norma, que dita que a não subida será a opção correta, exerce nos falantes.

#### **4.3. Análise dos dados de produção espontânea infantil**

O *corpus* do CHILDES aqui analisado integra produções espontâneas de três crianças: o Tomás, a Inês e a InêsI. Trata-se de um corpus longitudinal que regista a produção espontânea destas três crianças durante um certo período de tempo. No caso do Tomás, o *corpus* contém sessões dos 1;6;18 aos 3;10;16. No caso da Inês há gravações desde os 1;5;9 até aos 2;10;14. Quanto à InêsI, o *corpus* regista produções entre os 1;6;6 e os 3;11;12. Em estruturas com possível subida de clítico, há registos de 32 ocorrências no *corpus* do Tomás a partir dos 2;6;6 e até aos 3;10;16. No *corpus* da Inês há apenas 4 ocorrências, as quais se verificam aos 2;9;3 e aos 2;10;14. No da InêsI, verificam-se 19 ocorrências, as quais se registam entre os 2;1;10 e os 3;11;12. A tabela seguinte apresenta o número de casos de subida e não subida registado em cada sessão com cada criança:

---

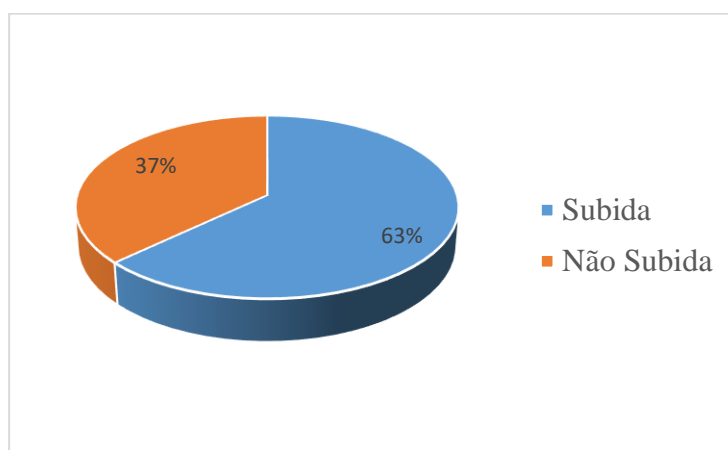
<sup>29</sup> Note-se, no entanto, que em produção espontânea há produção de apenas 10 adultos, sendo que a maioria das produções pertencem às mães e investigadoras.

<b>Falante</b>	<b>Sessão</b>	<b>Não Subida</b>	<b>Subida</b>	<b>Total</b>
Ines	<b>2-9-3</b>	3	0	3
	<b>2-10-</b>	0	1	1
InesI	<b>2-1-10</b>	1	0	1
	<b>2-3-8</b>	2	0	2
	<b>2-7-16</b>	1	0	1
	<b>2-8-23</b>	1	1	2
	<b>3-0-15</b>	0	1	1
	<b>3-10-1</b>	0	3	3
	<b>3-11-</b>	0	2	2
	<b>3-2-2</b>	1	3	4
	<b>3-4-6</b>	0	3	3
	<b>3-7-29</b>	0	4	4
Tomas	<b>2-11-</b>	4	0	4
	<b>2-11-</b>	1	0	1
	<b>2-6-6</b>	0	1	1
	<b>2-8-9</b>	0	1	1
	<b>3-1-25</b>	4	2	6
	<b>3-10-</b>	0	1	1
	<b>3-3-25</b>	0	3	3
	<b>3-4-25</b>	2	1	3
	<b>3-6-00</b>	0	2	2
	<b>3-6-17</b>	1	1	2
	<b>3-7-29</b>	0	2	2
	<b>3-8-15</b>	1	5	6
Total		<b>22</b>	<b>37</b>	<b>59</b>

**Tabela 6** – Número de ocorrências de subida e não subida de clítico para cada criança dividido por sessões

O número de ocorrências com estruturas de possível subida de clítico na produção espontânea infantil é bastante inferior ao de ocorrências na produção dos adultos. Na produção espontânea infantil registam-se apenas 59 ocorrências. Dessas 59, 37 ocorrem com subida de clítico, enquanto 22 ocorrem sem subida. Assim sendo, a percentagem de subida de clítico corresponde a 63%, enquanto a de não subida corresponde a 37%:

**Gráfico 9** – Percentagem de subida e não subida de clítico em produção espontânea infantil



A primeira ocorrência com subida de clítico verifica-se aos 2;6;6 e é produzida pelo Tomás. A da Inês ocorre aos 2;10;14 e a da InêsI dá-se aos 2;8;23. No caso das ocorrências sem subida, verifica-se que a primeira produzida pelo Tomás acontece aos 2;11;12, havendo, pois, primeiro ocorrência de subida e só depois de não subida. No caso da Inês e da InêsI, o cenário é o oposto. Em ambos os casos, ocorre primeiro não subida e só depois subida. No *corpus* da Inês a primeira ocorrência de não subida verifica-se aos 2;9;3, enquanto no *corpus* da InêsI a mesma se observa aos 2;1;10.

Ainda assim, todas as ocorrências de subida de clítico se verificam no período dos 2 anos de idade. Estes resultados são idênticos aos resultados obtidos no estudo de aquisição de subida de clítico em espanhol L1, o qual foi conduzido por Rodríguez-Mondoñedo, Snyder & Sugisaki (2006). Os autores verificaram que as crianças usaram tanto subida como não subida, tendo duas delas usado primeiro a subida e as outras duas primeiro a não subida. Para além disso, concluíram que as crianças usam esta construção desde muito cedo e que não passam por um período em que usam apenas a não subida. É, ainda, acrescentado pelos autores que o fenómeno é adquirido entre os 2;0 e os 3;10.



Os dados de produção espontânea aqui analisados conduzem-nos às mesmas conclusões. O fenómeno é adquirido cedo, dado que aos 2;6;6 já se encontra uma ocorrência de subida de clítico e as crianças não passam por um período em que usam apenas a não subida, uma vez que há uso tanto de subida como de não subida. Atente-se, ainda, para o facto de o Tomás usar primeiro a subida, o que nos leva a essa mesma conclusão. As idades são também idênticas, pois todas as crianças produzem subida de clítico no período dos 2 anos de idade.

Estes resultados parecem indicar que a possibilidade de subida de clítico será uma propriedade fixada precocemente. À semelhança do que acontece com a fixação do parâmetro do sujeito nulo, que, segundo Guasti (2002), já estará fixado aos 2 anos de idade, altura em que as crianças começam a combinar palavras, a opção da reestruturação parece, também, estar disponível desde cedo, sendo também usada logo nos primeiros estádios de desenvolvimento. Desta forma, as hipóteses 6 e 7, as quais preveem que esta propriedade é fixada cedo, parecem confirmar-se.

Relativamente à hipótese que prediz que as crianças têm preferência pela subida em oposição à não subida, a mesma é confirmada pelos resultados de produção espontânea. Como já mencionado, a preferência pela subida é de 63%, o que indica que as crianças podem estar a preferir estruturas mais defetivas em oposição a estruturas mais complexas. Assim, os resultados da produção espontânea não são muito diferentes dos que se obteve no teste de produção induzida no pré-escolar.

Quanto aos verbos, fazem parte da amostra os verbos de subida opcional *dever*, *estar a*, *ir*, *poder* e *querer*.

Veja-se agora a distribuição das ocorrências de subida e não subida de clítico pelos diversos verbos:

	Subida	Não Subida
<i>dever</i>	2	0
<i>estar a</i>	6	7
<i>ir</i>	19	14
<i>poder</i>	8	1
<i>querer</i>	2	0
<b>Total</b>	37	22

**Tabela 7** - Distribuição das ocorrências de subida e não subida de clítico pelos diversos verbos

Através desta tabela pode-se chegar a várias conclusões. Em primeiro lugar, o verbo que tem mais ocorrências no *corpus* infantil neste contexto é o verbo *ir*, que conta com 19 ocorrências com subida e 14 sem subida. À exceção do verbo *estar a*, com todos os outros verbos a percentagem de subida é superior à de não subida. É curioso o facto de o verbo *estar a* ser aquele com o qual a percentagem de subida é inferior à de não subida, visto que em produção espontânea adulta o mesmo verbo conta com 92% de subida de clítico. O verbo com a percentagem mais elevada de subida de clítico é o verbo *poder*, cuja percentagem corresponde a 89%. Note-se que o verbo *poder* foi também aquele que registou a percentagem mais elevada de subida de clítico em produção espontânea adulta.

Há, ainda, ocorrências no *corpus* com verbos que desfavorecem a subida, nomeadamente *gostar de* e *ter de/que*. Das 15 ocorrências com estes verbos, regista-se uma ocorrência de subida de clítico em contexto de ênclise com o verbo *ter de/que*. Essa ocorrência consta do *corpus* do Tomás e ocorreu aos 3;10;16. Apesar de o conhecimento sobre as propriedades lexicais dos verbos que permitem ou não a subida ainda não ter sido completamente adquirido, as crianças são sensíveis aos diferentes tipos de verbos e fazem distinção entre eles, dado que em 15 casos só houve uma ocorrência de subida.

A seguinte tabela apresenta, agora, a distribuição das ocorrências de subida e não subida de clítico pelos diversos clíticos:

	Subida	Não subida
a/as	0	5
lhe	0	2
me	8	3
o/os	1	5
se	15	7
te	12	0
vos	1	0
<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>22</b>

**Tabela 8** - Distribuição das ocorrências de subida e não subida de clítico pelos diversos clíticos

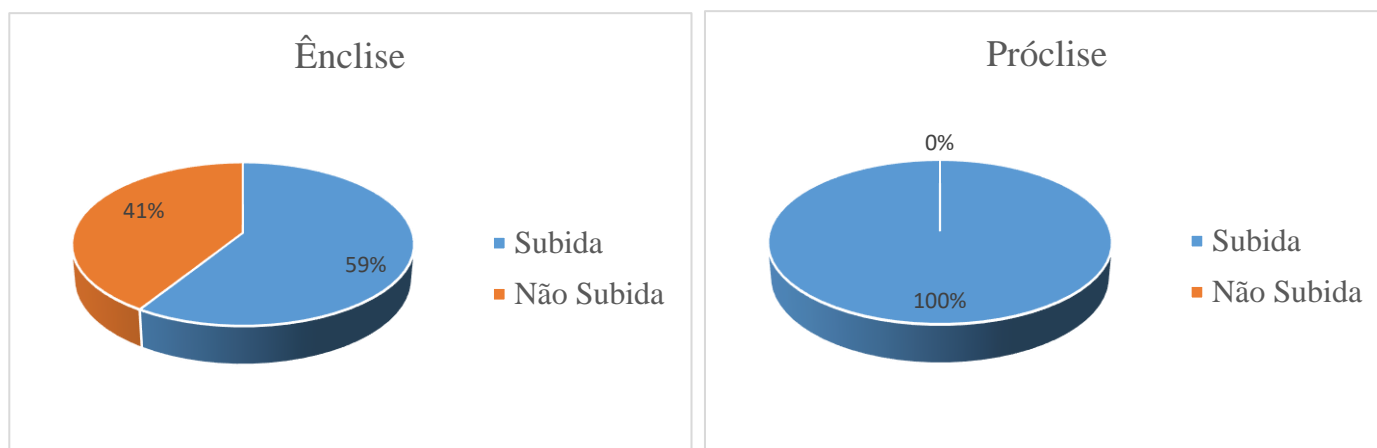
Os resultados aqui observados são idênticos aos de produção espontânea adulta, dado que os clíticos com a taxa mais elevada de subida são os clíticos *me* e *te*. As duas gramáticas convergem, também, no estatuto que atribuem aos clíticos *a/as* em contextos de reestruturação, pois a taxa de não subida é superior com os clíticos *a/as* tanto em produção espontânea adulta como em produção espontânea infantil.<sup>30</sup>

Verifica-se que, tanto em produção infantil como em produção adulta, o tipo de clítico influencia o recurso à subida de clítico, como é evidenciado por Fiéis & Madeira (2012).

Quanto aos contextos de colocação de clítico, registam-se 51 contextos de ênclise e apenas 8 contextos de próclise. Desses 51 contextos de ênclise, verificam-se 30 ocorrências com subida de clítico e 21 sem subida. Nos contextos de próclise, não se registam casos de não subida, correspondendo a subida, neste contexto, a 100% das ocorrências. Vejam-se os seguintes gráficos com as percentagens de subida e não subida em contexto de ênclise e próclise:

<sup>30</sup> De forma semelhante ao que acontece com os clíticos *a/as*, os clíticos *o/os* têm uma percentagem de não subida superior à de subida em produção espontânea infantil. O mesmo não se verifica em produção espontânea adulta, mas há um fator que pode influenciar os resultados neste grupo. Note-se que em produção espontânea adulta, há 7 ocorrências de *o/os*, sendo que 6 delas ocorrem com subida e 1 sem subida. No entanto, as ocorrências de subida dão-se todas em contexto de próclise, ocorrendo o caso de não subida em contexto de ênclise. Tal pode ter influência nos resultados para este clítico neste grupo.

**Gráfico 10 e 11** – Percentagem de subida e de não subida de clítico em produção espontânea infantil distribuída pelos contextos de ênclise e próclise



Apesar de o número de ocorrências ser bastante díspar entre ênclise e próclise, parece seguro concluir que as crianças são sensíveis à presença de um proclisador, uma vez que a percentagem de subida foi de 100% em contexto de próclise.

Os dados de produção espontânea infantil permitiram-nos chegar a várias conclusões e confirmar as hipóteses 6 e 7. A hipótese 6, que prediz que à semelhança do que acontece com o parâmetro do sujeito nulo, também a subida de clítico seja uma propriedade adquirida cedo, foi confirmada, dado que há registos de subida a partir dos dois anos de idade. Quanto à hipótese 7, que prevê que esta construção esteja disponível e que seja usada desde os primeiros estádios, também ela foi confirmada pelos dados de produção espontânea.

## 5. Conclusões

O presente estudo teve como objetivo investigar a aquisição de estruturas com subida de clítico em PE L1. Através da aplicação de um teste de produção induzida e da análise de um *corpus* com dados de produção espontânea, foi possível chegar a diversas conclusões.

O teste de produção induzida mostrou que as crianças preferiram a construção com subida de clítico em oposição à construção sem subida, enquanto os adultos mostraram preferência pela não subida. No grupo pré-escolar, a preferência pela subida é mais acentuada do que a do grupo escolar, tendo as crianças mais novas percentagens mais elevadas de subida de clítico. No grupo de controlo os resultados foram diferentes, como se pode comprovar pela baixa percentagem de subida.

Relativamente aos contextos com ênclise e próclise, verificou-se que, em todos os grupos, o contexto de próclise apresenta uma percentagem de subida superior à do contexto de ênclise, como se fazia prever. Confirma-se, portanto, que as crianças são sensíveis à presença de um proclisador enquanto elemento que favorece a subida.

Os resultados demonstram, simultaneamente, que o tipo de verbo condiciona a taxa de subida nos diferentes contextos, pelo que se pode afirmar que as crianças possuem conhecimento lexical acerca dos verbos que permitem a subida, apesar de esse conhecimento não ter sido ainda completamente adquirido. Não obstante o facto de as crianças produzirem subida com verbos de subida desfavorável, as percentagens com esse tipo de verbo são muito inferiores às percentagens de verbos de subida opcional. Não só se registaram diferenças entre tipos de verbo, como também entre verbos dentro de cada categoria. Assim, observou-se que o verbo com a taxa de subida mais elevada por parte das crianças e dos adultos foi o verbo *ir*, correspondendo o verbo *gostar de* ao verbo com a menor taxa de subida de clítico. As taxas de subida para o verbo *gostar de* revelam que as crianças, tanto do grupo pré-escolar como do escolar, possuem conhecimento acerca da preposição *de* enquanto inibidora de subida de clítico, ainda que as percentagens não tenham sido nulas.

No caso dos dados de produção espontânea adulta, a percentagem de subida de clítico é muito mais elevada do que aquela observada na tarefa de produção induzida, correspondendo a mais do dobro. Coloca-se, pois, a hipótese de que os dados de produção

induzida do grupo de controlo tenham sido condicionados pelo teste em si e pelo facto de a norma conservadora considerar a não subida a opção correta. Devido a estes fatores, é possível que os resultados do grupo de controlo não sejam completamente fiéis ao que se verifica em produção espontânea.

Em produção espontânea adulta, os verbos mais frequentes neste contexto são os verbos *estar a* e *ir*, os quais registam as percentagens mais elevadas de subida de clítico, sendo apenas ultrapassados pelo verbo *poder*.

Uma vez que o tipo de clítico pode condicionar a subida, analisou-se as ocorrências com diversos clíticos. Os dados permitem concluir que os clíticos com os quais há mais subida são os clíticos *me* e *te*, inversamente ao que acontece com os clíticos *a/as* que registam uma taxa de não subida superior à de subida.

Apesar de a percentagem de subida de clítico em contexto de ênclise ser já ela bastante elevada, a percentagem de subida de clítico em contexto de próclise é superior, pelo que também aqui se confirma a hipótese de que a presença do proclisador favorece a subida.

Os dados de produção espontânea infantil são compatíveis com os de produção adulta, na medida em que também mostram uma preferência pela subida, e uma vez que registam uma taxa de subida mais elevada em contexto de próclise e com o verbo *poder* e com os clíticos *me* e *te*.

A conclusão mais relevante em produção espontânea infantil diz respeito, no entanto, à altura em que aparece a primeira produção com subida de clítico. À semelhança do estudo para espanhol L1, também aqui se verifica que por volta dos 2 anos de idade as crianças já fixaram a propriedade em questão, usando subida nos contextos referidos. Os dados indicam que as crianças não passam por um período em que usam apenas a não subida, pelo que fixarão esta propriedade desde cedo, à semelhança do que acontece com outros parâmetros, nomeadamente o do sujeito nulo. Conclui-se, pois, que a possibilidade de subida de clítico estará disponível desde cedo na gramática infantil.

## Referências Bibliográficas

- Agostinho, Celina (2014) *The acquisition of control in European Portuguese complement clauses*. Dissertação de Mestrado, FLUL.
- Andrade, Aroldo Leal (2010) *A subida de clíticos em português: um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Campinas.
- Barbosa, Pilar & Fátima Cochofel (2005) A Construção de Infinitivo Preposicionado em PE. In Duarte, I. & Isabel Leiria (eds.) *Actas do XX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, 387-400.
- Barbosa, Pilar & Eduardo Paiva Raposo (2013) Subordinação argumental infinitiva. In Raposo, E. P. et al. (orgs.) *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. II, 1901-1977.
- Bennati, Elisa (2007) Object clitic climbing in adult L2 Italian: Some experimental evidence from L1 English and L1 Spanish near-natives. *Nanzan Linguistics: Special Issue 3:1*, 1-21.
- Burzio, Luigi (1986) *Italian Syntax: A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Kluwer.
- Cardinaletti, Anna & Ur Shlonsky (2004) Clitic Positions and Restructuring in Italian. *Linguistic Inquiry*, 35:4, 519-557.
- Carmona, Jaqueline & Carolina Silva (2007) A aquisição de clíticos dativos em PE: teste piloto. *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*. Lisboa: APL, 199-210.
- Chomsky, Noam (1986) *Barriers*. MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- Chomsky, Noam (1995a) *The Minimalist Program*. MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- Chomsky, Noam (1995b) Bare phrase structure. In Webelhuth, G. (Ed.), *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*. Blackwell, Oxford, Cambridge, MA, 385-439.

- Cinque, Guglielmo (2004) Restructuring and functional structure. In Belletti, A. (ed.) *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures*. Oxford/NewYork: Oxford University Press, 132-191.
- Cinque, Guglielmo (2006) *Restructuring and Functional Heads: the Cartography of Syntactic Structures*, vol. 4. Oxford: Oxford University Press.
- Costa, João (2003) Null vs Overt Spec,TP in European Portuguese. In Quer, J., J. Schrotten, M. Scorretti, P. Sleeman & E. Verheugd (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2001*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 31-47.
- Costa, João & Maria Lobo (2006) A aquisição de clíticos em PE: omissão de clíticos ou objecto nulo?. In *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*. Lisboa:APL, 285-293.
- Costa, João & Maria Lobo (2007) Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*. Lisboa: APL, 303-313.
- Costa, João, Alexandra Fiéis & Maria Lobo (2015) Input variability and late acquisition: clitic misplacement in European Portuguese. *Lingua* 61, 10-26.
- Cristóvão, Sandra (2006) *A co-referência nos pronomes objecto directo na aquisição do português europeu*. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Duarte, Inês & Gabriela Matos (2000) Romance Clitics and the Minimalist Program. In Costa, J. (ed.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, 116-142.
- Duarte, Inês (2003) Padrões de colocação dos pronomes clíticos. In Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª. ed. Lisboa: Ed. Caminho, 847-867.
- Eisenchlas, Susana (2003) Clitics in child Spanish. *First Language* 23:68, 193-211.
- Fiéis, Alexandra & Ana Madeira (2012) Predicados de controlo na diacronia do português. In Costa, A., C. Flores & N. Alexandre (eds.) *Textos Seleccionados do XXVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisbon: Associação Portuguesa de Linguística, 271-284.
- Fiéis, Alexandra, Ana Madeira & Maria Francisca Xavier (2013) Clitic climbing in L2 Portuguese. In Cabrelli Amaro, J., T. Judy & D. Pascual y Cabo (eds.)



- Proceedings of the 12th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 12)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 39-49.
- Gonçalves, Anabela (1999) *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, Anabela (2002) Verbos auxiliares e verbos de reestruturação do Português Europeu. In Duarte, I. M., J. Barbosa, S. Matos & T. Hüsken (eds). *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto. Vol. 2, 45-57.
- Gonçalves, Anabela & Gabriela Matos (2008) Reestruturação e Anáfora do Complemento Nulo em Português Europeu. In Frota, S. & A. L. Santos (orgs.) *XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*. Lisboa: APL, 207-233.
- Gonçalves, Anabela, Luís Filipe Cunha & Purificação Silvano (2010) Interpretação Temporal dos Domínios Infinitivos na Construção de Reestruturação do Português Europeu. *Textos Seleccionados do XXV Encontro da APL*. Lisboa: APL/Colibri, 435-447.
- Guasti, Maria Teresa (1993/94) Verb syntax in Italian child grammar: finite and nonfinite verbs. *Language Acquisition* 3:1, 1-40.
- Guasti, Maria Teresa (2002) *Language acquisition. The growth of grammar*. MIT press.
- Hamann, Cornelia (2006) Speculations about Early Syntax: The Production of Wh-Questions by Normally Developing French Children and French Children with SLI. *Catalan Journal of Linguistics* 5, 143-189.
- Hamann, Cornelia, & Adriana Belletti (2006) Developmental patterns in the acquisition of complement clitic pronouns. Comparing different acquisition modes with an emphasis on French. *Rivista di Grammatica Generative* 31, 39-78.
- Haverkort, Marco (1993) *Clitics and parametrization. Case studies in the interaction of head movement phenomena*. Dissertação de doutoramento, Katholieke Universiteit Brabant, Tilburg.
- Hyams, Nina (1986) *Language Acquisition and the Theory of Parameters*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.

- Hyams, Nina (2011) Missing Subjects in Early child Language. In De Villiers, J. and T. Roeper (eds.) *Handbook of Generative Approaches to Language Acquisition*, Springer, Dordrecht.
- Jakubowicz, Celia (2011) Measuring derivational complexity: New evidence from typically developing and SLI learners of L1 French. *Lingua*, Volume 121: 3, 339-351.
- Kayne, Richard S. (1975) *French Syntax. The Transformational Cycle*. Cambridge, The MIT Press.
- Kayne, Richard (1989) Null subjects and clitic climbing. In Jaeggli, O. & K. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Reidel, 239-261.
- Lobo, Maria (2016) Sujeitos nulos: gramática do adulto, aquisição de L1 e variação dialetal. In Martins, A. M. & E. Carrilho (eds.) *Manual de Linguística Portuguesa*. De Gruyter, 558-580.
- Lorusso, Paolo (2007) The acquisition of aspect in L1 Italian. In *Proceedings of the 2nd Conference of GALANA*. Somerville: Cascadilla Press, 253–264.
- Magro, Catarina (2004) O fenómeno de Subida do Clítico à luz de dados não-standard do PE. Ms. Trabalho realizado no âmbito do seminário Temas de Sintaxe II, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Magro, Catarina (2008) *Clíticos: Variações sobre o Tema*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Martins, Ana Maria (2000) A Minimalist Approach to Clitic Climbing. In Costa, J. (org.) *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. Oxford & New York: Oxford University Press, 169-190.
- Martins, Ana Maria (2013) A posição dos pronomes pessoais clíticos. In Raposo, E. P. *et al.* (Orgs.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.
- Matos, Gabriela (2003) Tipologia dos pronomes clíticos. In Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª. ed. Lisboa: Ed. Caminho, 826-847.
- Meijer, Paul J., & Jean E. Fox Tree (2003) Building syntactic structures in speaking: A bilingual exploration. *Experimental Psychology*, 50:3, 184–195.

- Montrul, Silvina, Rejanes Dias & Hélade Santos (2009) On some null subject parameter-related properties in the L3 acquisition of Brazilian Portuguese. Special issue of *Revista Estudos da Língua(gem)* 7:2, 163-198.
- Napoli, Donna Jo. (1981) Semantic interpretation vs. lexical governance. *Language* 57:4, 841-887.
- Pérez-Leroux, Ana Teresa, Alejandro Cuza & Danielle Thomas (2011) Clitic placement in Spanish/English bilingual children. *Bilingualism: Language and Cognition*, 14:2, 221-232.
- Raposo, Eduardo Paiva (2000) Clitic Position and Verb Movement. In Costa, J. (ed.) *Portuguese Syntax – New Comparative Studies*. Oxford University Press, Oxford, 266-297.
- Raposo, Eduardo Paiva (2013) Verbos auxiliares. In Raposo, E. P. et al. (orgs.) *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. II, 1221-1281.
- Rizzi, Luigi (1978) A restructuring rule in Italian syntax. In Keyser, S. J. (ed.) *Recent Transformational Studies in European Languages*. Cambridge/Mass: MIT Press, 113-158.
- Rizzi, Luigi (1982) *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht, Foris.
- Rodríguez-Mondoñedo, Miguel, William Snyder & Koji Sugisaki (2006) Clitic-climbing in child Spanish and the theory of parameters. In Brugos, A., M. R. Clark-Cotton & S. Ha (eds.) *A Supplement to the Proceedings of the 29th Boston University Conference on Language Development*.
- Santos, Ana Lúcia (2006) *Minimal Answers. Ellipsis, Syntax and Discourse in the Acquisition of European Portuguese*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Santos, Ana Lúcia & Génereux, Michel & Cardoso, Aida & Agostinho, Celina & Abalada, Silvana (2014) A *corpus* of European Portuguese child and child-directed speech. In *Proceedings of the 9th Conference on Language Resources and Evaluation – LREC 2014*, 1488-1491. European Language Resources Association (ELRA).
- Santos, Ana Lúcia (no prelo) Alguns aspetos da aquisição de orações subordinadas completivas. In Freitas, M. J. & A. L. Santos (orgs.) *A aquisição de língua*

*materna e não materna. Questões gerais e dados do Português*. Textbooks in Language Sciences. Language Science Press.

Schaeffer, Jeannette C. (2000) *The Acquisition of Direct Object Scrambling and Clitic Placement*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Silva, Carolina (2008) *Assimetrias na aquisição de clíticos diferenciados em português europeu*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Sportiche, Dominique (1992) *Clitic Constructions*. Ms., UCLA.

Thornton, Rosalind (1996) Elicited production. In Cairns, H., D. McDaniel and C. McKee (eds.) *Methods for Assessing Children's Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 77-102.

Tsakali, Vina & Kenneth Wexler (2003) Why children omit clitics in some languages but not in others: new evidence from Greek. Paper presented at *Generative Approaches to Language Acquisition 2003*, Utrecht University, Utrecht, The Netherlands.

Valian, Virginia (1990) Null subjects: A problem for parameter-setting models of language acquisition. *Cognition* 35, 105–122.

Varlokosta, Spyridoula et al. (2016) A cross-linguistic study of the acquisition of clitic and pronoun production. *Language Acquisition*, 23:1, 1-26.

Wexler, Kenneth (1998) Very early parameter setting and the unique checking constraint: A new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua* 106, 23-79.

Wexler, Kenneth (2003) The Unique Checking Constraint as the explanation of clitic omission in SLI and normal development. In Jakubowicz, C., L. Nash and K. Wexler (eds.) *Essays on Syntax, Morphology and Phonology in SLI*, Cambridge, Mass: MIT Press.

Wexler, Kenneth, Anna Gavarrò & Vicenc Torrens (2004) Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish. In Bok-Bennema, R., B. Hollebrandse, B. Kampers-Manhe, P. Sleeman (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2002*. John Benjamins, Amsterdam, 253-268.

Wurmbrand, Susanne (2003 [2001]) *Infinitives. Restructuring and Clause Structure*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

Wurmbrand, Susanne (2006) Verb Clusters, Verb Raising and Restructuring. In Everaert M. & H. Riemsdijk (eds.) *The Blackwell Companion to Syntax*, vol. V. Oxford: Blackwell, 229-343.

Zuckerman, Shalom (2001) *The Acquisition of Optional Movement*. Groningen: Groningen Dissertations in Linguistics.

### ***Corpus:***

Este texto apresenta dados diretamente extraídos do *corpus* Santos. Este *corpus* reúne transcrições de fala espontânea de três crianças entre 1;5 e 3;11 (INI – 1;6.6-3;11.12; TOM – 1;6.18-3;10.16; INM – 1;5.9 – 2;9.3) e encontra-se descrito em Santos (2006) e Santos et al. (2014).

O *corpus* está disponível em  
<http://childes.psy.cmu.edu/browser/index.php?url=Romance/Portuguese/Santos/>

## **Anexos**

## **Matriz do Teste**

### **Teste Aquisição de Subida de Clítico**

#### **Subida de Clítico Obrigatória**

##### **Ter (Ênclise)**

1. A mãe foi ter com o Manuel para lhe dar o pente, mas ele estava penteado. O que é que o Manuel tinha feito antes de a mãe chegar? O Manuel... (slide 20)
2. A vela estava acesa antes de a Mariana ter saído de casa, mas quando a Mariana chegou, a vela estava apagada. O que é que tinha acontecido à vela? A vela... (slide 8)

##### **Ter (Próclise)**

1. A avó trouxe um gancho à Maria. Mas a Maria não estava penteada. O que é que a Maria não tinha feito? A Maria... (slide 32)
2. A mãe trouxe roupa lavada ao Pedro para ele vestir. Mas o Pedro não estava lavado. O que é que o Pedro não tinha feito? O Pedro... (slide 28)

#### **Subida de Clítico Opcional**

##### **Querer (Ênclise)**

1. Olha aqui. Os meninos estão em pé e já estão cansados. Eles olham para as duas cadeiras que estão ao seu lado. O que é os meninos querem fazer? Os meninos... (slide 17)
2. Este menino está todo despenteado. Mas olha, ele tem um pente na mão. O que é que o menino quer fazer? O menino... (slide 31)

##### **Querer (Próclise)**

1. O Diogo está despenteado e por isso a avó dá-lhe um pente. Mas o Diogo não quer. O que é que o Diogo não quer fazer? O Diogo... (slide 12)

2. A princesa está toda suja. O pai dá-lhe uma toalha, mas a princesa não quer. O que é que a princesa não quer fazer? A princesa... (slide 23)

Conseguir (Ênclise)

1. A avó quer lavar o Pedro, porque ele está todo sujo. Mas o Pedro diz que já é crescido e que consegue fazer isso sozinho. O que é que o Pedro consegue fazer sozinho? O Pedro... (slide 15)

2. A mãe está a dar as roupas ao João. O João é crescido e já não precisa da ajuda da mãe. O que é que o João consegue fazer sozinho? O João... (slide 22)

Conseguir (Próclise)

1. O bebé está todo sujo. A avó tem de lavar o bebé, porque ele ainda é pequenino. O que é que o bebé não consegue fazer sozinho? O bebé... (slide 6)

2. O bebé ainda não está vestido. Como ele é pequenino, precisa da ajuda da mãe. O que é que o bebé não consegue fazer sozinho? O bebé... (slide 9)

Ir (Ênclise)

1. A Mariana está toda suja e tem uma toalha na mão. O que é que a Mariana vai fazer com a toalha? A Mariana... (slide 2)

2. O António está cansado. Ele tem uma cadeira ao seu lado. O que é que o António vai fazer? O António... (slide 14)

Ir (Próclise)

1. O Rui estava cansado e tinha encontrado uma cadeira. Mas a cadeira agora já está ocupada. O que é que o Rui agora já não vai fazer? O Rui... (29)

2. A Maria está toda suja. Mas olha, a Filipa tirou-lhe a toalha. O que é que a Maria agora já não vai fazer? A Maria... (slide 21)

### **Subida de Clítico Desfavorável**

Decidir (Ênclise)

1. O menino estava muito cansado porque andou muito. Encontrou uma cadeira. O que é que o menino decidiu fazer? O menino... (slide 4)

2. O Rafael gosta muito de jogar às escondidas. Ele quer pregar uma partida ao amigo. O que é que o Rafael decide fazer? O Rafael... (slide 11)

Decidir (Próclise)



1. O João e o Francisco estão sentados. A campainha para o recreio toca. Aqui, o Francisco já está levantado, mas o João não. O que é que o João não decidiu fazer? O João... (slide 26)

2. Estas meninas estão todas sujas. A mãe deu uma toalha a cada uma. Olha, estas duas meninas agora já estão limpas. Mas esta continua suja. O que é que ela não decidiu fazer? Ela... (slide 18)

#### Gostar de (Ênclise)

1. Olha para os gatos. Vê o que eles estão a fazer. O que é que os gatos gostam de fazer? Os gatos... (slide 27)

2. A mãe da Joana está sempre pintada. Ela nunca sai de casa sem estar pintada. O que é que ela gosta muito de fazer? Ela... (slide 33)

#### Gostar de (Próclise)

1. A Sofia está sempre descalça. O que é que a Sofia não gosta de fazer? A Sofia... (slide 5)

2. A mãe trouxe roupa ao Tiago para ele vestir, mas ele não quer. Olha. O que é que o Tiago não gosta de fazer? O Tiago... (slide 16)

#### Odiar (Ênclise)

1. A Maria está sempre toda despenteada. O que é que ela odeia fazer? Ela... (slide 25)

2. O príncipe está sempre descalço. O que é que o príncipe odeia fazer? O príncipe... (slide 10)

#### Odiar (Próclise)

1. O Manuel odeia fazer estas coisas. Ele odeia lavar a cara. Ele odeia comer a sopa. Olha agora. O que é que o Manuel não odeia fazer? O Manuel... (pentear-se) (slide 3)

2. A Marta odeia fazer estas coisas. Ela odeia tomar banho. Ela odeia usar casaco. Olha agora. O que é que a Marta não odeia fazer? A Marta... (calçar-se) (slide 34)

#### Distratores

1. O António está com muita fome. O que é que o António quer fazer? O António... (slide 7)

2. Vê o que a mãe deu à Rita. O que é que a Rita agora vai fazer? A Rita...  
(abrir a prenda) (slide 13)
3. O rei está com muito sono. O que é que ele quer fazer? Ele... (slide 19)
4. Olha para a Sofia. Ela está muito feliz. O que é que a Sofia gosta de fazer?  
A Sofia... (saltar à corda) (slide 30)
5. O príncipe e a princesa estão a jogar às escondidas. O que é que o príncipe  
vai fazer quando acabar de contar? O príncipe... (slide 24)

## Folha de Registo

### Teste de Produção Induzida de clítico SE em estruturas com subida de clítico (contextos de próclise e ênclise)

Data aplicação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Código do Participante: \_\_\_\_\_

Data Nasc: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

**Instrução:** Vamos fazer um jogo. Vou mostrar-te umas imagens e fazer-te umas perguntas sobre elas. E tu tens de responder...

Condição	Estímulo	Resposta esperada	Resposta obtida
Ênclise Ir	2. A Mariana está toda suja e tem uma toalha na mão. O que é que a Mariana vai fazer com a toalha? A Mariana...	<i>...vai-se limpar./vai limpar-se</i>	
Próclise Odiar	3. O Manuel odeia fazer estas coisas. Ele odeia lavar a cara. Ele odeia comer a sopa. Olha agora. O que é que o Manuel não odeia fazer? O Manuel...	<i>...não odeia pentear-se.</i>	
Ênclise Decidir	4. O menino estava muito cansado porque andou muito. Encontrou uma cadeira. O que é que o menino decidiu fazer? O menino...	<i>...decidiu sentar-se.</i>	
Próclise Gostar de	5. A Sofia está sempre descalça. O que é que a Sofia não gosta de fazer? A Sofia...	<i>...não gosta de se calçar.</i>	
Próclise Conseguir	6. O bebé está todo sujo. A avó tem de lavar o bebé, porque ele ainda é pequenino. O que é que o bebé não consegue fazer sozinho? O bebé...	<i>...não se consegue lavar sozinho/ não consegue lavar-se sozinho.</i>	

Distrator	7. O António está com muita fome. O que é que o António quer fazer? O António...	<i>...quer comer.</i>	
Ênclise Ter	8. A vela estava acesa antes de a Mariana ter saído de casa, mas quando a Mariana chegou, a vela estava apagada. O que é que tinha acontecido à vela? A vela...	<i>...tinha-se apagado.</i>	
Próclise Conseguir	9. O bebé ainda não está vestido. Como ele é pequenino, precisa da ajuda da mãe. O que é que o bebé não consegue fazer sozinho? O bebé...	<i>...não se consegue vestir sozinho/ não consegue vestir-se sozinho.</i>	
Ênclise Odiar	10. O príncipe está sempre descalço. O que é que o príncipe odeia fazer? O príncipe...	<i>...odeia calçar-se.</i>	
Ênclise Decidir	11. O Rafael gosta muito de jogar às escondidas. Ele quer pregar uma partida ao amigo. O que é que o Rafael decide fazer? O Rafael...	<i>...decide esconder-se.</i>	
Próclise Querer	12. O Diogo está despenteado e por isso a avó dá-lhe um pente. Mas o Diogo não quer. O que é que o Diogo não quer fazer? O Diogo...	<i>...não se quer pentear/ não quer pentear-se.</i>	
Distrator	13. Vê o que a mãe deu à Rita. O que é que a Rita agora vai fazer? A Rita...	<i>...vai desembrolhar a prenda.</i>	
Ênclise Ir	14. O António está cansado. Ele tem uma cadeira ao seu lado. O que é que o António vai fazer? O António...	<i>...vai-se sentar/ vai sentar-se.</i>	
Ênclise Conseguir	15. A avó quer lavar o Pedro, porque ele está todo sujo. Mas o Pedro diz que já é crescido e que consegue fazer isso sozinho. O que é que o Pedro consegue fazer sozinho? O Pedro...	<i>...consegue-se lavar sozinho./ consegue lavar-se sozinho.</i>	
Próclise Gostar de	16. A mãe trouxe roupa ao Tiago para ele vestir, mas ele não quer.	<i>...não gosta de se vestir.</i>	

	Olha. O que é que o Tiago não gosta de fazer? O Tiago...		
Ênclise Querer	17. Olha aqui. Os meninos estão em pé e já estão cansados. Eles olham para as duas cadeiras que estão ao seu lado. O que é os meninos querem fazer? Os meninos...	<i>...querem-se sentar./ querem sentar-se.</i>	
Próclise Decidir	18. Estas meninas estão todas sujas. A mãe deu uma toalha a cada uma. Olha, estas duas meninas agora já estão limpas. Mas esta continua suja. O que é que ela não decidiu fazer? Ela...	<i>...não decidiu limpar-se/ decidiu não se limpar.</i>	
Distrator	19. O rei está com muito sono. O que é que ele quer fazer? Ele...	<i>...quer dormir.</i>	
Ênclise Ter	20. A mãe foi ter com o Manuel para lhe dar o pente, mas ele estava penteado. O que é que o Manuel tinha feito antes de a mãe chegar? O Manuel...	<i>...tinha-se penteado.</i>	
Próclise Ir	21. A Maria está toda suja. Mas olha, a Filipa tirou-lhe a toalha. O que é que a Maria agora já não vai fazer? A Maria...	<i>...já não se vai limpar/ já não vai limpar-se.</i>	
Ênclise Conseguir	22. A mãe está a dar as roupas ao João. O João é crescido e já não precisa da ajuda da mãe. O que é que o João consegue fazer sozinho? O João...	<i>...consegue-se vestir sozinho/ consegue vestir-se sozinho.</i>	
Próclise Querer	23. A princesa está toda suja. O pai dá-lhe uma toalha, mas a princesa não quer. O que é que a princesa não quer fazer? A princesa...	<i>...não se quer limpar/ não quer limpar-se.</i>	
Distrator	24. O príncipe e a princesa estão a jogar às escondidas. O que é que o príncipe vai fazer quando acabar de contar? O príncipe...	<i>...vai procurar a princesa.</i>	
Ênclise Odiar	25. A Maria está sempre toda despenteada. O que é que ela odeia fazer? Ela...	<i>...odeia pentear-se.</i>	

Próclise Decidir	26. O João e o Francisco estão sentados. A campainha para o recreio toca. Aqui, o Francisco já está levantado, mas o João não. O que é que o João não decidiu fazer? O João...	<i>...não decidiu levantar-se./ decidiu não se levantar.</i>	
Ênclise Gostar de	27. Olha para os gatos. Vê o que eles estão a fazer. O que é que os gatos gostam de fazer? Os gatos...	<i>...gostam de se lambar.</i>	
Próclise Ter	28. A mãe trouxe roupa lavada ao Pedro para ele vestir. Mas o Pedro não estava lavado. O que é que o Pedro não tinha feito? O Pedro...	<i>...não se tinha lavado.</i>	
Próclise Ir	29. O Rui estava cansado e tinha encontrado uma cadeira. Mas a cadeira agora já está ocupada. O que é que o Rui agora já não vai fazer? O Rui...	<i>...não se vai sentar./ não vai sentar-se.</i>	
Distrator	30. Olha para a Sofia. Ela está muito feliz. O que é que a Sofia gosta de fazer? A Sofia...	<i>...gosta de saltar à corda./...</i>	
Ênclise Querer	31. Este menino está todo despenteado. Mas olha, ele tem um pente na mão. O que é que o menino quer fazer? O menino...	<i>...quer-se pentear/ quer pentear-se.</i>	
Próclise Ter	32. A avó trouxe um gancho à Maria. Mas a Maria não estava penteada. O que é que a Maria não tinha feito? A Maria...	<i>...não se tinha penteado.</i>	
Ênclise Gostar de	33. A mãe da Joana está sempre pintada. Ela nunca sai de casa sem estar pintada. O que é que ela gosta muito de fazer? Ela...	<i>...gosta de se pintar.</i>	
Próclise Odiar	34. A Marta odeia fazer estas coisas. Ela odeia tomar banho. Ela odeia usar casaco. Olha agora. O que é que a Marta não odeia fazer? A Marta...	<i>...não odeia calçar-se.</i>	

## **Resultados individuais de subida e não subida para os diferentes grupos**

As siglas NS e S correspondem a Não Subida e Subida, respetivamente. As tabelas estão codificadas por cores diferentes nos casos em que a subida não é permitida ou é desfavorável. Há uma gradação de cores do verde ao vermelho, correspondendo o verde a 0 casos de subida e o vermelho a 4, o número máximo. A cada criança foi atribuída uma cor de acordo com os resultados do teste.

	Ter		Decidir		Gostar de		Odiar		Total
Pré-escolar	NS	S	NS	S	NS	S	NS	S	
1	0	2	0	0	2	2	2	2	4
2	0	3	3	1	3	0	0	1	2
3	0	4	0	2	4	0	1	3	5
4	0	1	1	3	2	1	0	3	7
5	0	1	1	2	3	1	0	3	6
6	0	3	1	2	2	0	0	3	5
7	0	2	1	3	2	0	1	1	4
8	0	2	2	1	3	0	0	0	1
9	0	1	1	2	3	0	1	2	4
10	0	2	2	1	2	0	1	0	1
11	0	1	0	1	2	2	1	2	5
12	0	2	1	1	1	1	2	0	2
13	0	3	1	2	4	0	1	3	5
14	0	0	2	0	3	0	3	1	1
15	0	2	1	1	3	0	1	3	4
16	0	3	2	1	2	0	1	0	1
17	0	3	3	0	4	0	0	2	2
18	0	2	3	0	3	0	1	1	1
19	0	2	1	2	3	0	1	0	2
20	0	3	2	2	2	2	0	3	7
21	0	3	2	1	2	1	1	1	3
22	0	3	0	2	3	1	1	2	5
23	1	2	2	2	0	2	1	0	5
24	0	2	3	0	2	0	1	0	0
25	0	1	0	1	3	0	0	3	4
26	0	0	1	2	3	0	3	0	2
27	0	2	2	0	3	0	0	1	1
28	0	2	1	3	4	0	2	1	4
29	0	2	1	1	2	0	2	2	3
30	0	1	2	2	3	0	2	1	3
31	0	2	2	1	3	0	1	1	2
32	0	3	2	1	2	0	1	1	2
33	0	3	1	1	3	0	2	0	1

Resultados individuais de subida e não subida do grupo pré-escolar distribuídos pelos verbos de subida obrigatória e desfavorável



Escolar	Ter		Decidir		Gostar de		Odiar		Total
	NS	S	NS	S	NS	S	NS	S	
1	0	4	4	0	1	0	2	0	0
2	0	4	0	1	1	0	1	0	1
3	0	1	4	0	2	0	1	0	0
4	2	0	1	2	3	0	0	0	4
5	0	3	1	3	3	1	1	2	6
6	0	3	3	1	3	0	1	2	3
7	0	3	0	1	4	0	0	1	2
8	0	3	0	2	3	0	2	0	2
9	0	3	2	2	2	0	0	1	3
10	0	3	0	3	2	1	0	1	5
11	0	3	4	0	3	0	2	0	0
12	0	3	1	3	0	2	0	4	9
13	0	3	3	1	3	0	0	3	4
14	0	2	1	1	2	0	0	2	3
15	0	4	4	0	2	1	1	0	1
16	0	4	1	1	3	1	2	0	2
17	0	3	3	0	3	0	0	2	2
18	0	0	3	1	3	0	3	0	1
19	0	2	1	2	1	2	2	1	5
20	0	3	3	0	3	0	2	0	0
21	0	2	1	2	3	1	2	1	4
22	0	2	2	0	2	0	3	0	0
23	0	4	4	0	4	0	4	0	0
24	0	2	2	0	1	1	1	0	1
25	0	2	4	0	2	0	1	0	0
26	0	4	1	3	2	0	1	1	4
27	1	2	1	1	4	0	2	1	3
28	0	2	1	3	2	1	1	1	5
29	0	4	4	0	3	1	0	1	2
30	0	4	4	0	3	0	2	0	0
31	0	3	2	1	4	0	2	2	3

Resultados individuais de subida e não subida do grupo escolar distribuídos  
pelos verbos de subida obrigatória e desfavorável

	Ter		Decidir		Gostar de		Odiar		Total
Controlo	NS	S	NS	S	NS	S	NS	S	
1	0	0	2	1	4	0	4	0	1
2	0	3	4	0	4	0	3	0	0
3	0	1	4	0	4	0	4	0	0
4	0	3	0	0	4	0	4	0	0
5	0	2	2	1	4	0	4	0	1
6	0	4	2	0	4	0	4	0	0
7	0	2	3	0	4	0	4	0	0
8	0	3	1	1	3	0	3	1	2
9	0	4	3	1	4	0	4	0	1
10	0	0	3	0	4	0	4	0	0
11	0	3	3	1	4	0	4	0	1
12	0	2	4	0	4	0	4	0	0
13	0	2	3	0	4	0	4	0	0
14	0	3	0	0	3	0	4	0	0
15	0	3	3	1	1	1	4	0	2
16	0	3	3	0	3	0	4	0	0
17	0	4	4	0	4	0	3	0	0
18	0	2	3	0	3	0	4	0	0
19	0	1	3	0	3	0	3	0	0
20	0	0	0	1	4	0	2	2	3
21	0	3	2	0	4	0	4	0	0

Resultados individuais de subida e não subida do grupo de controlo distribuídos pelos verbos de subida obrigatória e desfavorável

Nas seguintes tabelas, que contêm os resultados de subida para os verbos de subida opcional, há gradação da cor azul, correspondendo o azul mais claro ao menor número de ocorrências de subida e o azul mais escuro ao maior. Quanto mais escuro o tom de azul, maior a preferência pela subida.

Pré-escolar	Conseguir		Ir		Querer		Total de Subida
	NS	S	NS	S	NS	S	
1	0	4	1	3	1	3	10
2	2	1	0	3	1	1	5
3	0	2	0	4	1	3	9
4	0	2	1	3	1	3	8
5	0	3	0	4	2	2	9
6	2	1	1	3	1	1	5
7	1	3	0	4	0	4	11
8	0	3	1	3	1	3	9
9	0	4	0	4	0	4	12
10	1	3	0	4	1	2	9
11	0	4	0	4	0	4	12
12	1	2	0	4	0	4	10
13	0	4	1	3	1	3	10
14	1	3	1	2	4	0	5
15	0	2	1	3	0	4	9
16	1	2	0	4	1	2	8
17	0	4	1	3	0	4	11
18	2	2	0	3	0	4	9
19	1	3	1	3	2	2	8
20	0	3	0	4	0	4	11
21	0	4	1	3	0	4	11
22	1	2	1	2	1	3	7
23	1	3	0	4	0	4	11
24	3	0	2	2	3	1	3
25	0	4	1	3	0	3	10
26	3	1	2	1	3	1	3
27	1	3	1	2	2	2	7
28	0	4	0	3	0	4	11
29	0	4	1	3	0	4	11
30	3	1	2	2	0	4	7
31	1	3	0	4	1	3	10
32	0	2	1	3	0	4	9
33	0	2	0	4	0	4	10

Resultados individuais de subida e não subida do grupo pré-escolar distribuídos pelos diferentes verbos de subida opcional

Escolar	Conseguir		Ir		Querer		Total de Subida
	NS	S	NS	S	NS	S	
1	1	1	3	1	3	1	3
2	4	0	3	1	3	1	2
3	3	0	2	2	3	1	3
4	0	4	1	3	1	2	9
5	1	2	1	3	1	2	7
6	1	1	0	4	1	3	8
7	1	3	0	3	0	4	10
8	2	2	1	3	1	3	8
9	0	4	0	4	0	4	12
10	0	4	0	4	0	4	12
11	3	0	3	1	3	1	2
12	1	3	0	4	0	4	11
13	0	4	2	2	0	4	10
14	0	2	1	3	1	3	8
15	0	4	1	3	1	2	9
16	3	0	1	2	2	1	3
17	0	2	1	3	2	2	7
18	3	1	2	2	3	1	4
19	3	1	1	3	0	4	8
20	1	1	1	3	4	0	4
21	2	2	1	2	2	1	5
22	3	1	1	2	2	2	5
23	2	2	2	2	2	2	6
24	2	2	1	2	2	2	6
25	4	0	4	0	4	0	0
26	0	4	0	3	0	3	10
27	3	1	0	4	1	3	8
28	0	4	1	3	1	2	9
29	1	2	2	2	2	2	6
30	2	2	1	3	0	4	9
31	2	2	1	3	3	1	6

Resultados individuais de subida e não subida do grupo escolar distribuídos  
pelos diferentes verbos de subida opcional

Controlo	Conseguir		Ir		Querer		Total de Subida
	NS	S	NS	S	NS	S	
1	3	0	0	4	1	2	6
2	4	0	2	2	4	0	2
3	3	0	1	3	3	1	4
4	0	4	0	4	0	4	12
5	2	2	1	2	3	1	5
6	3	1	2	2	4	0	3
7	4	0	3	1	3	1	2
8	2	1	2	1	2	2	4
9	4	0	2	2	2	2	4
10	4	0	2	2	4	0	2
11	2	2	0	3	0	4	9
12	4	0	2	2	3	1	3
13	3	1	1	3	1	3	7
14	3	0	3	1	3	0	1
15	2	0	1	3	2	2	5
16	4	0	2	2	1	3	5
17	3	0	3	1	4	0	1
18	0	4	0	3	0	4	11
19	4	0	1	2	3	1	3
20	1	3	0	4	0	4	11
21	4	0	2	2	3	1	3

Resultados individuais de subida e não subida do grupo de controlo distribuídos  
pelos diferentes verbos de subida opcional

**Exemplos de ocorrências com subida e não subida de clítico na produção espontânea dos adultos pelos diversos verbos**

Verbos	Subida	Não Subida
<i>Andar</i>	<i>anda-me mostrar/anda-me aqui contar</i>	<i>anda cá contar-me/anda com a mania de me abrir</i>
<i>andar a</i>	<i>andas-te sempre a babar/não te andas a portar</i>	-
<i>chegar a</i>	<i>não te cheguei a dizer</i>	-
<i>começar a</i>	<i>começou-se a desfazer/também me começou a dizer</i>	<i>começou a portar-se/começar a querer vestir-se</i>
<i>Conseguir</i>	<i>não se consegue sentar/não me consigo lembrar</i>	<i>não conseguia mexer-se/não conseguia lembrar-me</i>
<i>continuar a</i>	<i>continua-se a formar</i>	<i>continuavas a zangar-te</i>
<i>Costumar</i>	<i>que se costuma chamar/que se costuma vestir</i>	<i>costumo tirar-lhe</i>
<i>Dever</i>	<i>deve-lhe fazer/também te debes lembrar</i>	<i>devias dizer-me/deve ter de se tirar</i>
<i>estar a</i>	<i>estava-se a meter/ainda se está a portar</i>	<i>estava a sentar-se/está a doer-lhe</i>
<i>Ir</i>	<i>vai-se zangar/não me vais estragar</i>	<i>vais mascarar-te/vamos pô-las</i>
<i>Parecer</i>	-	<i>não parecia ficar-lhe</i>
<i>Poder</i>	-	<i>podias dar-lhe/posso sentar-me</i>
<i>Querer</i>	<i>queres-me contar/não as quer calçar</i>	<i>queriam verte/querias contar-me/quer é meter-se</i>
<i>Saber</i>	<i>sabes-te vestir/se a João te sabe explicar</i>	<i>sabes explicar-me</i>
<i>Vir</i>	<i>vem-te buscar/para me vires contar</i>	<i>vem queixar-se/veio aqui dizer-me</i>

**Percentagens e valores de subida e não subida de clítico do teste  
experimental de produção induzida**

	<b>Crianças</b>		<b>Adultos</b>	
	<b>%</b>	<b>Valor</b>	<b>%</b>	<b>Valor</b>
Subida	46%	828	28,6%	168
Não Subida	31%	559	58%	341
Outras respostas	23%	405	13,4%	79

Percentagem e valores de subida, não subida e outras respostas por crianças e adultos

	<b>5 anos</b>		<b>6 anos (pré)</b>		<b>6 anos (escolar)</b>		<b>7 anos</b>		<b>8 anos</b>	
	<b>%</b>	<b>Valor</b>	<b>%</b>	<b>Valor</b>	<b>%</b>	<b>Valor</b>	<b>%</b>	<b>Valor</b>	<b>%</b>	<b>Valor</b>
Subida	66%	365	64%	54	52%	80	54%	182	54%	56
Não Subida	34%	187	36%	96	48%	87	46%	215	46%	65

Percentagem e valores de subida e não subida por faixa etária

	<b>Subida</b>				<b>Não Subida</b>			
	<b>Ênclise</b>		<b>Próclise</b>		<b>Ênclise</b>		<b>Próclise</b>	
	<b>%</b>	<b>Valor</b>	<b>%</b>	<b>Valor</b>	<b>%</b>	<b>Valor</b>	<b>%</b>	<b>Valor</b>
Pré-escolar	59%	200	72%	261	41%	140	28%	101
Escolar	46%	161	62%	206	54%	190	38%	128
Adultos	21%	53	45%	115	79%	198	55%	143

Percentagem e valores de subida e não subida em contextos de ênclise e próclise para os grupos pré-escolar, escolar e de controlo

	Subida						Não Subida					
	VSOB		VSOp		VSD		VSOB		VSOp		VSD	
	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor
Pré-escolar	99%	68	80%	290	38%	103	1%	1	20%	73	62%	167
Escolar	96,6%	85	61%	210	28%	72	3,4%	3	39%	134	72%	181
Adultos	100%	54	43%	103	5%	11	0	0	57%	135	95%	206

Percentagem e valores de subida e não subida por tipo de verbo para os grupos pré-escolar, escolar e de controlo

	Ênclise						Próclise					
	VSOB		VSOp		VSD		VSOB		VSOp		VSD	
	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor
Pré-escolar	100%	20	73%	130	35%	50	98%	48	86%	160	42%	53
Escolar	97%	30	54%	93	26%	38	96%	55	68%	117	32%	34
Adultos	100%	19	26%	30	3%	4	100%	35	60%	73	7%	7

Percentagem e valores de subida por tipo de verbo em contextos de ênclise e próclise para os grupos pré-escolar, escolar e de controlo

	<i>Ter</i>		<i>Ir</i>		<i>Querer</i>		<i>Conseguir</i>		<i>Odiar</i>		<i>Decidir</i>		<i>Gostar de</i>	
	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor
Pré-escolar	99%	68	83%	104	78%	98	78%	88	58%	46	48%	44	13%	13
Escolar	97%	85	68%	80	59%	69	56%	61	40%	26	34%	34	13%	12
Adultos	100%	54	62%	49	44%	36	23%	18	4%	3	12%	7	1%	1

Percentagem e valores de subida por verbo para os grupos pré-escolar, escolar e de controlo